

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

THAYSE GOMES DE ALMEIDA

**História em Quadrinhos como Recurso Pedagógico para Adolescentes:
Métodos Contraceptivos**

Maceió
2017

THAYSE GOMES DE ALMEIDA

**História em Quadrinhos como Recurso Pedagógico para Adolescentes:
Métodos Contraceptivos**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), área de concentração: enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida, Linha de pesquisa: enfermagem, vida, saúde, cuidado dos grupos humanos, para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Eveline Lucena Vasconcelos

Coorientadora: Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade

Maceió
2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

A447h Almeida, Thayse Gomes de.
História em quadrinhos como recurso pedagógico para adolescentes: métodos contraceptivos / Thayse Gomes de Almeida. – 2016.
112 f.: il.

Orientadora: Eveline Lucena Vasconcelos.

Coorientadora: Ruth França Cizino da Tridade.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas. Escola de Enfermagem e Farmácia. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 90-98.

Apêndices: f. 99-108.

Anexos: f. 109-112.

1. Educação sexual. 2. Adolescente. 3. Contracepção. 4. Enfermagem. I. Título.

CDU: 616-083:613.88-053.6

Folha de Aprovação

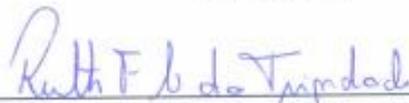
AUTOR: Thayse Gomes de Almeida

História em Quadrinhos como Recurso Pedagógico para Adolescentes:
Métodos Contraceptivos

Dissertação submetida ao corpo docente do programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas, Área de Concentração: enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida, Linha de pesquisa: enfermagem, vida, saúde, cuidado dos grupos humanos, para obtenção do título de mestre em enfermagem.



Prof.ª Dra. Eveline Lucena Vasconcelos
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Orientadora

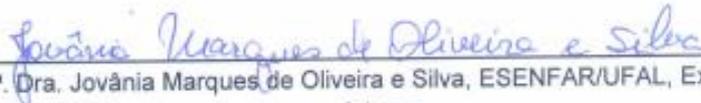


Prof.ª Dra. Ruth França Cizino da Trindade
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Coorientadora

Banca examinadora:



Prof. Dr. Elton Casado Fireman, CEDU/UFAL, Examinador externo.



Prof.ª Dra. Jovânia Marques de Oliveira e Silva, ESENFAR/UFAL, Examinadora interna.

A Deus,

“Grandes coisas fez o Senhor por nós.”

(Salmos 127. 3)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sua presença forte em minha vida, pelo seu amor incondicional, sempre fonte de força e esperança diante das dificuldades.

À minha família, especialmente aos meus amados pais, Rosileide e Vicente, por serem exemplos de determinação e fé em minha vida. Ao meu irmão, Luan, por todo seu carinho e alegrias vivenciadas. Ao meu namorado Leandro, pelo companheirismo e cumplicidade que me fizeram ser ainda mais feliz nessa caminhada e a todos os demais familiares pela demonstração de felicidade a cada conquista.

A minha sábia orientadora, Prof^a. Dr^a Eveline Lucena Vasconcelos, pelo conhecimento compartilhado, pela oportunidade de aprender e crescer com seus conhecimentos e, sobretudo, por acreditar no meu potencial.

A minha coorientadora, Prof^a Dr^a. Ruth França Cizino da Trindade, pelos ensinamentos, pelo seu agradável humor e tranquilidade e, principalmente, por sua contribuição na minha transformação pessoal.

Aos membros da banca examinadora, Prof^o. Dr^o. Elton Casado Fireman e Prof^a. Dr^a. Jovânia Marques de Oliveira e Silva, pelas preciosas considerações, por compartilharem comigo suas experiências e sabedoria.

Aos juízes, que aceitaram participar desta pesquisa, trazendo valiosas contribuições para o aperfeiçoamento deste estudo.

Aos meus amigos, que sempre acreditaram e me deram palavras de estímulo em momentos difíceis.

A minha turma de mestrado, pelo incentivo diário, pelo carinho e companheirismo que construímos.

À todos, muito obrigada!

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens,
mas em ter novos olhos.”

(Marcel Proust)

RESUMO

Objetivou-se Validar a história em quadrinhos denominada “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!” da Série Sexualidade e Educação quanto ao conteúdo e aparência englobando a clareza, pertinência e representatividade; identificar características e/ou conceitos na história em quadrinhos que possam ser aperfeiçoados ou modificados; analisar a história em quadrinhos como recurso pedagógico direcionado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. Sua construção baseou-se na teoria da interação social de Lev Seminovitch Vygotsky. Trata-se de um estudo metodológico que se debruçou sobre o conteúdo de uma história em quadrinhos, com base na avaliação de onze juízes, distribuídos entre professores da educação básica, pesquisadores e profissionais da rede básica de saúde no período de junho a setembro de 2016. Os dados foram extraídos por meio da aplicação de questionários individuais na forma de escala Likert, com itens distribuídos em dois blocos de análise, clareza com 10 itens e representatividade com 11 itens. Os dados foram descritos e para análise utilizou-se o Índice de Validade de Conteúdo (IVC), para medir a proporção de participantes que estão em concordância sobre os painéis ou itens das Histórias em Quadrinhos. A maioria das respostas no bloco da clareza ficou em claro (48) e muito claro (49), alcançando o nível de concordância esperado de 88,18% e no bloco da representatividade ficou em representativo (53) e extremamente representativo (60), atingindo um nível de concordância de 93,39%, demonstrando que o recurso pedagógico foi considerado válido. Entretanto, nas considerações dos juízes, foi identificado que alguns aspectos do material necessitam ser revisados e readequados, principalmente quanto a ilustração gráfica, linguagem verbal e conteúdo. O presente estudo significou a importância do desenvolvimento de tecnologias de comunicação, que possam ser aplicáveis no processo de ensino-aprendizagem aperfeiçoando e possibilitando a construção do conhecimento de forma interativa, possibilitando a transmissão do conhecimento por meio de mensagens gráficas e visuais.

Palavras-chave: Adolescentes. Contracepção. Educação sexual

ABSTRACT

Validate the comic book called "Contraceptive Methods: I am young and still do not want to generate a life!" Of the Series Sexuality and Education regarding content and appearance encompassing clarity, pertinence and representativeness; Identify characteristics and / or concepts in the comic book that can be improved or modified; Analyzing comics as a pedagogical resource aimed at promoting the sexual and reproductive health of adolescents. Its construction was based on the theory of the social interaction of Lev Semiovitch Vygotsky. This is a methodological study that focused on the content of a comic book, based on the evaluation of eleven judges, distributed among teachers of basic education, researchers and professionals of the basic health network from June to September 2016. The data were extracted through the application of individual questionnaires in the form of Likert scale, with items distributed in two blocks of analysis, clarity with 10 items and representativity with 11 items. The data were described and for analysis the Content Validity Index (CVI) was used to measure the proportion of participants who agree on the panels or items in the Comics. Most of the responses in the clarity block were clear (48) and very clear (49), reaching the expected level of agreement of 88.18% and in the representative block was representative (53) and extremely representative (60), Reaching a level of agreement of 93.39%, demonstrating that the pedagogical resource was considered valid. However, in the judges' considerations, it was identified that some aspects of the material need to be revised and re-adapted, mainly regarding graphic illustration, verbal language and content. The present study meant the importance of the development of communication technologies that can be applied in the teaching-learning process, improving and enabling the construction of knowledge in an interactive way, enabling the transmission of knowledge through graphic and visual messages.

Keywords: Adolescent. Contraception. Sex Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1-** Páginas: 05 e 07 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! ----- 56
- Figura 2-** Página 01 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----57
- Figura 3-** Página 14 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----58
- Figura 4-** Página 07 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----59
- Figura 5-** Página 05 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----60
- Figura 6-** Página 18 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----61
- Figura 7-** Página 17 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----62
- Figura 8-** Página 11 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----64
- Figura 9-** Página 16 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----65
- Figura 10-** Página 01, capa modificada, da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----75
- Figura 11-** Página 07 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----77
- Figura 12-** Página 19 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----78
- Figura 13-** Página 05 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----80
- Figura 14-** Página 18 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----82
- Figura 15-** Página 17 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----84
- Figura 16-** Página 11 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! -----86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos juízes do estudo-----48

Quadro 2 – Distribuição das respostas dos juízes quanto a sua avaliação da História em Quadrinhos-----54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Coeficiente Alfa de Cronbach por grupo de itens do questionário, segundo a Clareza e Representatividade. ----- 50

Tabela 2- Distribuição dos escores e índices de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, segundo a clareza e representatividade. ----- 51

Tabela 3- Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, segundo a clareza. ----- 52

Tabela 4- Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, segundo a representatividade. ----- 53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CLT- Consolidação de Leis Trabalhistas

CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ESENFAR - Escola de Enfermagem e Farmácia

ESF- Estratégia de Saúde da Família

GEESS- Grupo de Estudo: Enfermagem, Saúde e Sociedade

HQ - Histórias em Quadrinhos

IVC - Índice de Validade de Conteúdo

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos

TICS- Tecnologias da Informação e Comunicação em Saúde

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

USP- Universidade de São Paulo

ZDP- Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Aproximação com o objeto de estudo	15
2 OBJETIVOS	22
3 REVISÃO DE LITERATURA	23
3.1 Adolescência, Sexualidade e Contracepção	23
3.2 História em Quadrinhos como um Recurso Pedagógico	28
3.3 Validação de um Recurso Pedagógico	32
4 REFERENCIAL TEÓRICO	34
5 METODOLOGIA	39
5.1 Tipo de Estudo	39
5.2 Local do Estudo	40
5.3 Participantes do estudo	40
5.3.1 Critérios de inclusão	41
5.3.2 Critério de Exclusão	41
5.4 Aspectos Éticos	42
5.5 Procedimentos de coleta de dados	42
5.6 Tratamento dos Dados	46
5.7 Análise dos Dados	46
6 RESULTADOS	48
6.1 Caracterização dos Juízes	48
6.2 Validação de aparência e conteúdo do recurso pedagógico	50
6.2.1 Dados quantitativos	51
7 DISCUSSÃO	68
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES	100
ANEXOS	110

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aproximação com o objeto de estudo

A presente pesquisa apresenta como objeto de estudo a validação de uma História em Quadrinhos como recurso pedagógico sobre métodos contraceptivos para adolescentes. A concepção deste objeto surgiu a partir de experiências com projetos vinculados ao grupo de pesquisa intitulado Grupo de Estudo: Enfermagem, Saúde e Sociedade (GEES) da Universidade Federal de Alagoas, com ações voltadas à educação em sexualidade com estudantes e professores da educação básica.

Durante a realização das atividades práticas, realizadas pela pesquisadora, de educação e sexualidade para professores e estudantes da educação básica, observou-se a dificuldade com que esta temática é abordada e os desafios que os educadores vêm enfrentando por não ter acesso aos avanços exigidos no processo ensino-aprendizagem.

Isto fez surgir o interesse em aprofundar o conhecimento neste cenário e desenvolver a pesquisa sobre saúde sexual e reprodutiva com os adolescentes, tendo em vista que esta temática se torna relevante por abordar questões de ordem pessoal e que acarreta tabus, mas que precisa ser estudada, debatida e aprofundada na esperança de melhoria da educação sexual e reprodutiva da população em geral, com ênfase na adolescência.

Inicialmente foi elaborado um projeto ampliado denominado “Série Sexualidade e Educação” com ideias e contribuições, a fim de desenvolver a pesquisa. Esta proposta apresentada, antecipava a elaboração de um recurso pedagógico, objetivando contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de adolescentes em sexualidade e validar sua aplicação.

O recurso pedagógico de escolha para ser construído e validado foi feito em forma de Histórias em Quadrinhos (HQ), tal escolha deve-se ao fato das HQ serem meios capazes de informar conteúdos e de formar valores de modo sutil, além disso, utiliza os recursos da escrita e as imagens, a fim de entreter e informar, que chamam a atenção do público jovem, além de apresentar uma narrativa relativamente curta e

que geralmente costuma ser envolvente, divertida e dinâmica. (NUNES; GONÇALVEZ, 2010).

Além disso, torna-se relevante lembrar que as HQ possuem duas características de extrema importância para o seu aproveitamento em ambiente escolar, acessibilidade e baixo custo (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Mesmo neste momento, início do século XXI, quando a indústria dos quadrinhos está muito longe das tiragens verdadeiramente astronômicas que atingiu no seu período de maior popularidade, quando muitos títulos facilmente atingiram tiragens de milhões de exemplares vendidos, pode-se dizer que sua disponibilidade é um fator ainda incontestável. Elas podem ser facilmente encontradas e a um custo relativamente baixo quando comparado com outros recursos (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Este projeto ampliado compreendeu quatro volumes de Histórias em Quadrinhos: 1. Puberdade: o que acontece comigo?; 2. Fecundação: Meu corpo pode gerar uma vida?; 3. Iniciação Sexual: Já estou pronto para iniciar minha vida sexual? e 4. Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida. As primeiras etapas de construção foram realizadas com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do programa Novos Talentos. Na presente pesquisa foi abordado o processo de validação do volume 4. Os volumes anteriores já foram validados por meio de pesquisas de mestrado.

Na primeira parte do design pedagógico foi feita uma sinopse, em que se definiu o cenário e o conteúdo de cada história. Depois construiu-se a parte da interatividade: uma apresentação voltada ao público adolescente cujo desenvolvimento foi elaborado e cada página foi dividida em painéis nos quais foram sendo descritos personagens, cenário, diálogos e conteúdos, para em seguida ser feita a arte da HQ.

Este objeto de estudo faz citar a importância das tecnologias de comunicação, que podem ser aplicáveis no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a construção do conhecimento de maneira dinâmica e possibilita a transmissão do conhecimento por meio de mensagens gráficas e visuais.

Desta forma, entende-se que a educação é um processo permanente e ativo entre os participantes, acredita-se que as mensagens visuais apoiam o processo de educação. Assim, assume-se que o uso das Tecnologias da Informação e

Comunicação em Saúde (TICS) podem oferecer maior autonomia aos estudantes no seu processo de aprendizagem sobre sexualidade dinamizando a forma como os conteúdos e as competências serão absorvidos e atingidos pelos mesmos.

Assim sendo, evidencia-se na prática diária que a área da saúde pode contribuir significativamente para a educação em sexualidade com foco na promoção da saúde de adolescentes que procura identificar e enfrentar os macrodeterminantes do processo saúde-doença, e busca transformá-los favoravelmente na direção da saúde.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência pode ser definida como o período da vida situado entre 10 e 19 anos (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que dispõe sobre a proteção integral desses sujeitos, delimita a adolescência como o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade (LEI 8.069/90). Contudo o presente estudo utilizou como base o determinado pela OMS.

Nessa fase ocorrem mudanças relacionadas ao crescimento físico, à maturação sexual e aquisição da capacidade de reprodução, favorecendo o desenvolvimento de uma identidade adulta (KEMPFER et al., 2012).

O termo adolescência é discutido como um período de crescimento e desenvolvimento biológico, psicológico e social o qual os seres humanos experimentam na vida, de uma forma dinâmica e em curto período de tempo, em que as mudanças no corpo físico assumem um caráter complexo. É compreendida, também, como uma fase que geralmente marca o início da vida sexual. E com o exercício de sua sexualidade o adolescente expõe-se a vários riscos, sendo este também, um período de extrema vulnerabilidade (SPINDOLA, SIQUEIRA, CAVALCANTI, 2012; SANTOS et al., 2014).

O exercício da sexualidade acarreta implicações no processo reprodutivo e na própria saúde do adolescente. Nessa etapa da vida, os indivíduos assumem comportamentos para os quais não estão preparados, como iniciar relacionamento sexual precocemente, o que se deve, muitas vezes, à ansiedade de viver de maneira rápida e intensa, razão pela qual não refletem sobre suas atitudes. A sexualidade precoce aumenta a vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), à gravidez na adolescência e outros riscos, o que interfere em suas metas de vida (MORAES; VITALLE, 2012).

Em relação à gravidez na adolescência, discutem-se os aspectos que favorecem o aumento desta ocorrência, destacando-se o início precoce da vida sexual, associado ao desconhecimento do uso de métodos contraceptivos, dificuldade de acesso a programas de planejamento reprodutivo, desconhecimento sobre as complicações e consequências que a gravidez pode acarretar, incluindo a desestruturação familiar (ARAÚJO et al., 2015).

Pesquisa realizada por Trindade e Feliciano (2012) revela que a maioria dos adolescentes entrevistados, tinha conhecimento prévio sobre métodos contraceptivos (55,9%) e 44,1% relataram não ter conhecimento no início da vida sexual.

Entre os homens, a falta de informação sobre o assunto foi maior do que entre as mulheres (52,3% e 35,9%, respectivamente). De uma forma geral, um número consideravelmente alto de pessoas, tanto homens quanto mulheres, iniciaram a vida sexual sem ter o conhecimento sobre prevenção de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis. Aqueles com menor idade demonstraram maior desconhecimento sobre o assunto, ao passo que nas maiores faixas etárias houve uma percentagem maior de pessoas que tinham alguma informação sobre o assunto (TRINDADE; FELICIANO, 2012).

Nesse contexto, dados sobre a gravidez na adolescência vêm mostrando um aumento na taxa de fecundidade para esta população quando comparada a mulheres adultas, especialmente nos países mais pobres. A literatura tem tratado a gravidez na adolescência como um problema de saúde pública, especialmente pelo fato de oferecer riscos ao desenvolvimento da criança gerada e da própria gestante adolescente (SANTOS et al., 2010).

As razões para o alto índice de gravidez e IST na adolescência são atribuídos a não utilização de métodos contraceptivos de forma adequada em razão da própria negação do adolescente quanto à possibilidade de engravidar, os encontros casuais e o ato de assumir sua vida sexual ativa, além de pouco conhecimento em relação aos métodos (SOUSA, GOMES, 2011; ARAUJO, COSTA, 2009).

Para os adolescentes, o início da vida sexual não está, contudo, associado a uma educação sexual consistente, nem tão pouco a um conhecimento da fisiologia, ou dos aspectos biológicos do sexo ou da reprodução, por isso muitos não utilizam medidas contraceptivas ou as utilizam inadequadamente e, ainda, muitas vezes

utilizam o preservativo inconsistentemente. Estes atos, não só aumentam o risco de gravidez como também, o de IST (FERREIRA, 2011).

Um estudo realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, apontou que idade média da primeira relação sexual foi de 15,96 anos; sendo para o sexo feminino a média de 16,43 anos e para o sexo masculino 15,79 anos, ou seja, os meninos se iniciaram sexualmente com menor idade (LIMA, COSTA, 2014).

Desse modo, ao abordar adolescentes sobre sexualidade e contracepção, faz-se necessário envolvê-lo em estratégias de aprendizagem que facilite a troca de informação e aquisição de saberes. O Ideal é que o educador estimule o debate sobre atitudes para manutenção da saúde, ajudando o jovem a decidir sobre práticas saudáveis. Acrescenta-se que a sexualidade e a contracepção devem ser tratadas de forma multidisciplinar e interdisciplinar, famílias, escolas, comunidades, instituições que reúnem jovens e, até mesmo, nos locais de lazer, para que os adolescentes possam lidar com esta situação com mais segurança (MALTA, 2011).

A escola é um ambiente propício para os adolescentes obterem estas informações, onde deve envolver, também, atividades integradas com os profissionais da saúde. No espaço da atenção básica, também, devem ser propiciadas estas ações (BRASIL, 2011).

Infelizmente estudo como de Chofakian, et al (2014), revela que parte dos adolescentes entrevistados nunca participou de conversas sobre a anticoncepção nas escolas e referiu ter informação de forma esporádica na escola pelo professor de Ciências.

Silva et al. (2015), apontam para a necessidade de programas educativos envolvendo os adolescentes no ambiente escolar, familiar e na Estratégia de Saúde da Família (ESF), uma interdisciplinaridade entre saúde e educação, capaz de enfrentar os desafios da orientação sexual para adolescentes.

A Organização das Nações Unidas (ONU) sugere a necessidade de uma mudança que ultrapasse as intervenções de foco limitado aos riscos, para abordagens amplas que possam dar capacidade aos jovens de tomar decisões saudáveis sobre suas vidas, incluindo questões de saúde sexual e reprodutiva. É necessário tanto o acesso aos serviços de saúde e de educação, quanto levar em consideração o meio

em que se vive, as pressões econômicas e sociais a que estão submetidos (ONU, 2013).

Defende-se, portanto, a necessidade da implementação de estratégias educativas com esforços conjuntos de educadores e profissionais da saúde, visando prevenção de IST/HIV/AIDS e gravidez na adolescência (GONÇALVES et al., 2015). Deste modo, profissionais da atenção primária em integração com a escola têm espaços para construir, junto aos diversos atores sociais, novas maneiras de agir e promover a saúde sexual e reprodutiva do adolescente.

Diante do exposto, percebe-se a necessidade, cada vez maior, do enfermeiro, juntamente com outros profissionais que trabalham com esse segmento, abordar e discutir este tema com mais ênfase, possibilitando o avanço do conhecimento do senso comum para o científico, e daí, construir uma base que possibilite reflexão, conhecimento e conscientização dos valores e das atitudes dos adolescentes ao se confrontarem com a gestação precoce e os fatores de risco às IST. Além disso, possibilita o estímulo à autonomia e responsabilidade dos jovens para com a saúde do próprio corpo e de sua sexualidade.

Por sua vez, promover a saúde de jovens, incorporando informações sobre anticoncepção, exige um desafio para a criação de estratégias mais eficazes de participação. Observa-se que os adolescentes não são encontrados nos serviços de saúde, e os profissionais ainda não conseguem estabelecer práticas de forma eficiente, em linguagem atrativa aos adolescentes, para aumentar o acesso desse grupo populacional às unidades de saúde.

Desta forma, acredita-se que o uso de tecnologias educacionais, somada a uma mudança de atitude e estratégia de educação pode oferecer maior autonomia aos estudantes no seu processo de aprendizagem sobre métodos contraceptivos dinamizando a forma como os conteúdos e as competências serão absorvidos e atingidos pelos mesmos (BEHAR, TORREZZAN, 2009; MEDEIROS et al, 2014; ALBERTI et al, 2014).

Assim, este trabalho busca apresentar a proposta de utilização de um objeto de aprendizagem em formato de História em Quadrinhos, com a intenção de colaborar para o processo de ensino e aprendizagem de adolescentes a respeito do uso de métodos contraceptivos e validar sua aplicação.

Diante do exposto surge como questão norteadora deste estudo: **A história em quadrinhos sobre métodos contraceptivos, utilizada neste estudo, é considerada apropriada como um recurso pedagógico para ser utilizada com adolescentes?**

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Validar a história em quadrinhos denominada “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!” da Série Sexualidade e Educação quanto ao conteúdo e aparência englobando a clareza, pertinência e representatividade.

Objetivos Específicos:

- Identificar características e/ou conceitos na história em quadrinhos denominada “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!” da Série Sexualidade e Educação que possam ser aperfeiçoados ou modificados.
- Analisar a história em quadrinhos denominada “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, da Série Sexualidade e Educação como recurso pedagógico direcionada para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Adolescência, Sexualidade e Contracepção

A adolescência, transição entre infância e idade adulta, é um período único, caracterizado por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, estando a personalidade em fase final de estruturação (BRETA et al., 2011).

Em termos de desenvolvimento humano, a adolescência frequentemente está associada às mudanças físicas fruto da puberdade, que são respostas às alterações hormonais que os jovens sofrem durante seu crescimento, que produzem a transformação do corpo infantil em adulto, tornando-o apto a reprodução. Essas mudanças produzem ansiedade e preocupação para quem as vivencia e se encontra em sua volta, já que o corpo adolescente se apresenta mais sexualizado, rumo à preparação reprodutiva (COLL, PALÁCIOS, MARCHESI, 1995).

No que se refere às alterações psicológicas, Dias (2006) considera a adolescência um período no qual uma crise evolutiva se faz presente e é necessária a passagem da via infantil para a adulta. Erikson (1976), observa que durante esse momento do desenvolvimento, o jovem passa a questionar suas experiências de vida das fases anteriores de seu desenvolvimento e busca novas experiências presentes para conseguir projetar no futuro, o que deseja ser.

O adolescente elabora sua história que já foi vivenciada, o momento presente em que está vivenciando e suas expectativas futuras para construir um senso de identidade próprio. Contudo, nessa busca por auto definição podem ocorrer conflitos e tensões entre o jovem e seu ambiente. O jovem se apresenta de maneira instável ao ambiente, e esse, por sua vez, realiza demandas e o situa a partir de diferentes posições, ora criança, ora adulto. (DIAS, 2006; XIMENES NETO et al. 2007).

As mudanças sociais, estabelecem novos papéis em relação à autonomia e às responsabilidades, que, nem sempre, correspondem, na prática, às mudanças físicas, em um desacerto entre o corpo e a mente (VALLE, MATTOS, 2010).

Dessa forma, a sexualidade na adolescência tem impulso fortemente marcado pelas transformações biopsicossociais, ou seja, ocorrem, nessa fase da vida, inúmeras descobertas e conflitos que podem indicar risco e vulnerabilidade na vida do

adolescente. Os riscos são as possibilidades de ocorrência de danos ou agravamentos, por exemplo, casos de IST, o início precoce da atividade sexual, a gravidez não planejada sem qualquer orientação profissional ou familiar (MORAES, VITALLE, 2012), entre outros.

Estudos relatam, que esta etapa da vida é marcada por representar um dos períodos mais conturbados do desenvolvimento humano, principalmente pela invasão das produções hormonais sendo uma fase regada de questionamentos, curiosidades e percepções, relativos à sexualidade (MARTINS et al, 2012; CARVALHO et al, 2012).

A sexualidade insere-se nessa série de mudanças, compondo um dos alicerces da identidade do adolescente. Para entender a maneira como o adolescente lida com a sexualidade, é importante ponderar sobre os processos sociais e culturais aos quais foram submetidos desde a infância, bem como suas relações afetivas, que em muito colaboram e delineiam a construção desta identidade (BRETA et al., 2011).

Falar sobre adolescência e juventude na atual sociedade, para muitas pessoas ainda é associar essa população a situações de risco, crise, desordem e irresponsabilidade. Nessa concepção, adolescentes e jovens podem tornar-se pessoas problemáticas, se arriscando a uma gravidez, ao uso de álcool e outras drogas, a situações de violência e à infecção por uma IST ou pelo HIV (BRASIL, 2011).

Dessa forma, a gravidez na adolescência e as IST representam grande preocupação na área da saúde pública por suas consequências e, além disso, a prevalência delas na população adolescente podem refletir duas situações a serem averiguadas: desconhecimento dos meios de prevenção e formas de contágio ou simplesmente adoção de comportamentos de risco, mesmo diante das informações (GARBIN et al., 2010).

Ao avaliar o conhecimento de adolescentes acerca dos métodos contraceptivos é evidente as lacunas entre o conhecimento e práticas adequadas. Estudos mostram que adolescentes de menor idade e baixa escolaridade iniciam a vida sexual mais precocemente, possuindo menos conhecimento sobre os métodos, ao passo que os de maior idade, melhor escolaridade e elevada renda familiar possuem mais conhecimento (HARTMANN E CESAR, 2013).

Em estudo realizado com adolescentes com idade entre 13 e 19 anos residentes nas áreas urbana e rural de dois municípios do estado do Piauí, mostrou

que 18% dos adolescentes estudados disseram nunca ter visto ou mesmo nunca ter ouvido falar em preservativo masculino (HARTMANN E CESAR, 2013). Entretanto, em estudo realizado em três escolas agrícolas vinculadas à Universidade Federal do Piauí, mostrou que os adolescentes conhecem diversos métodos, sendo os mais citados o preservativo (96,3%), seguido da pílula (83,7%) (MENDONÇA, ARAÚJO, 2009).

Em um outro estudo, a prevalência de qualquer tipo de métodos contraceptivos utilizados por adolescentes sexualmente ativos, no Rio Grande do Sul, foi de 87,9%, sendo seu uso relacionado à escolaridade, visto que adolescentes com quatro anos de escolaridade ou menos apresentaram maior risco de não usar qualquer método, quando comparados com aqueles que possuíam nove anos ou mais (ROCHA et al., 2007).

Apesar de o programa de planejamento reprodutivo também dever abordar o adolescente, garantindo-lhe o acesso à informação de boa qualidade e a disponibilidade de alternativas contraceptivas, promovendo sua aproximação com o serviço de saúde, nem sempre o adolescente considera suas expectativas atendidas, o que termina por afastá-los das unidades de atendimento (KEMPFER et al., 2012).

O conhecimento inadequado sobre qualquer método contraceptivo pode ser um fator de resistência à aceitabilidade e uso desse método, sendo o conhecimento dos métodos contraceptivos e os riscos advindos de relações sexuais desprotegidas fundamentais para que os adolescentes possam viver o sexo de maneira adequada e saudável, assegurando a prevenção de uma gravidez indesejada e das IST/AIDS, além de constituir a garantia da sexualidade desvinculada da procriação (MARTINS et al., 2006; VIEIRA et al., 2006).

Sabe-se hoje que, apesar da ampla divulgação sobre as formas de prevenção de uma gravidez indesejada e das IST, desenvolvidas no Brasil, muitos jovens ainda não adotam tais práticas, o que indica uma dissociação entre o acesso à informação e a transformação desse saber em práticas no cotidiano dos adolescentes. Para que essa dissociação diminua, faz-se necessário o acesso à informação efetiva para que seja possível a aquisição de comportamentos favoráveis à promoção de sua saúde, inclusive em sua dimensão sexual e reprodutiva (SEHNEM et al., 2014).

Nessa perspectiva, para que os adolescentes e jovens possam aumentar a capacidade de identificar quais seriam as situações de risco no campo da sexualidade, é imprescindível que, além do conhecimento sobre formas de prevenção e proteção, eles estejam livres, por exemplo, de todo e qualquer tipo de violência, seja ela individual, institucional ou social e tenham autonomia em suas escolhas (BRASIL, 2011).

Em pesquisa realizada em Pernambuco, a maioria dos adolescentes, independentemente de ter iniciado a vida sexual, afirmou conhecer os métodos contraceptivos, apesar de 35% terem relatado que nunca receberam informações a respeito. Os principais agentes de informação foram os amigos (15,5%), pais ou parentes (14,6%), profissionais de saúde (14%) e professores (10,6%) (ARAÚJO, COSTA, 2009).

Atualmente questiona-se a falta de abertura da escola para o trabalho com questões importantes para a sociedade, com o argumento de que a escola deveria destinar mais espaço para os temas chamados extracurriculares, como se currículo significasse apenas uma lista de matérias. Na realidade, muitos professores estão incorporando sistematicamente novas dimensões ao seu papel tradicional, mesmo que em caráter voluntário ou extracurricular, uma vez que as questões sociais invadem a escola. O problema é que isso ocorre, frequentemente, na forma de uma incorporação desorganizada ao currículo, sem um correspondente projeto cultural-pedagógico (BRASIL, 2010).

No Brasil, a inserção da educação sexual na escola ocorreu em meados dos anos de 1920 e 1930, e a discussão sobre educação sexual surgiu na escola em meio à epidemia de sífilis, sendo que, naquele período, os problemas de “desvios sexuais” passaram a não mais ser percebidos como crime, e sim como doença. Desta forma, a escola passou a ter ações preventivas de uma medicina de caráter higienista, devendo cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes com vistas à produção de comportamentos tidos como “normais”. (BARROS, COLAÇO, 2013).

Entretanto, a atuação da escola em torno da educação sexual pode ser considerada relativamente recente no território nacional, pois até a década de 1990, não existiam diretrizes educacionais mais amplas sobre o assunto. Somente em 1996 foi publicado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um marco da consolidação da educação sexual como um problema escolar, porquanto apresenta-se como tema

transversal a ser trabalhado nas escolas brasileiras (BARROS, COLAÇO, 2013; MANO et al, 2009).

Dessa forma, o papel da escola em orientar o aluno sobre diversos assuntos, dentre eles a sexualidade e o uso de métodos contraceptivos, é uma realidade, porém esse fato não se confirma no estudo de Barreto et al. (2016), uma vez que as gestantes adolescentes declararam na entrevista não receber informações adequadas e suficientes relacionadas às questões das IST e anticoncepção.

A educação e a escola têm papel fundamental na construção de processos democráticos na sociedade, buscando alcançar a cidadania total. Trata-se de uma questão que precisa-se aprender e praticar, a fim de que a escola tenha como prioridade a realização de ações que contribuam para a formação dos adolescentes como um todo, incluindo a sexualidade, conscientizando-os sobre os aspectos e os processos de amadurecimento (BESERRA et al., 2008).

Professores em cooperação com profissionais da saúde podem vir a desenvolver trabalhos excelentes, pois a escola se constitui um local onde abrange grande população adolescente, principalmente os rapazes que quase não procuram os serviços de saúde; sendo a chance de falar para eles os riscos das ISTs/AIDS, da gravidez precoce e suas consequências sociais, psíquicas e econômicas (OLIVEIRA, CARVALHO, SILVA, 2008).

Diante desses fatos, estudiosos afirmam que o trabalho do profissional enfermeiro no ambiente escolar, com foco na prevenção por meio da educação em saúde, aponta para a importância de se realizar a interação entre escola-família-comunidade-instituições de saúde. Desde a década de 80 do século 20 a atuação do enfermeiro no ambiente escolar tem sido decisiva para demonstrar sua capacidade em intervir de forma efetiva na articulação de ações de saúde e educação (MOIZÉS; BUENO, 2010).

A educação em saúde é considerada uma função inerente à prática de enfermagem. Neste sentido, o (a) enfermeiro (a) amplia cada vez mais seu papel como educador(a), não só comunicando conteúdos em intervenções educativas, mas também avaliando os recursos mediados pelos materiais educativos produzidos para consumo de seus educandos. Os materiais educativos assumem um papel importante no processo de educar em saúde, pois além de facilitar a mediação de conteúdos de

aprendizagem, funcionam como recurso prontamente disponível para que o adolescente e sua família possam consultá-lo quando diante de dúvidas no desenvolvimento do cuidado (FREITAS; CABRAL, 2008).

Neste contexto, o profissional enfermeiro (a) pode se fazer mais presente a escola, com o propósito de contribuir para uma melhor compreensão da temática, contribuindo para que os adolescentes adquiram autonomia, confiança e informação adequada para fazer suas escolhas e viver sua sexualidade com responsabilidade e segurança.

O enfermeiro possui um papel essencial no desenvolvimento de habilidades preventivas e educativas com os adolescentes estabelecendo estratégias que visem à prevenção da gravidez na adolescência, criando grupos com propósitos na promoção de saúde e prevenção de IST/gravidez precoce, visando conscientizar os jovens sobre a importância da participação ativa nas ações de educação em saúde, no intuito de que se tornem capazes de lidar com suas próprias decisões, e elencando atitudes positivas para lidar com papel do autocuidado (GURGEL et al., 2010).

Portanto, as estratégias de saúde utilizadas pelos profissionais da saúde devem estabelecer parcerias com as escolas e a comunidade, oferecendo conhecimento aos adolescentes de forma integral e multidisciplinar, de modo a desenvolver ações informativas a este público, objetivando a conscientização sobre a prevenção da gravidez precoce e métodos contraceptivos (DOMINGOS, 2010).

3.2 História em Quadrinhos como um Recurso Pedagógico

O ensino de temas de saúde envolve a atuação sobre o conhecimento dos alunos, para que eles desenvolvam juízo crítico e capacidade de intervenção sobre suas vidas e sobre o ambiente com o qual interagem. Ele requer que o estudante conheça o seu próprio corpo e possa cuidar-se, valorizando e adotando hábitos saudáveis, como um dos aspectos, e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva (KAWAMOTO; CAMPOS, 2014).

Os recursos didáticos envolvem uma diversidade de elementos utilizados como suporte experimental na organização do processo de ensino e de aprendizagem, com a finalidade de servir de interface mediadora para facilitar na relação entre professor, aluno e o conhecimento em um momento preciso da elaboração do saber. São

criações pedagógicas desenvolvidas para facilitar o processo de aquisição do conhecimento (PAIS, 2000).

Pode-se compreender que os recursos pedagógicos têm sido concebidos como “instrumentos modernizadores das práticas escolares e, conseqüentemente, efetivadores de um ensino de mais qualidade” (FISCARELLI, 2008). Dentre as opções de recursos didáticos disponíveis para os professores de Ensino Fundamental, estão as histórias em quadrinhos.

No que diz respeito às HQ, elas se disseminaram a partir da interação entre a linguagem escrita e a visual, oferecendo ao leitor recursos linguísticos e imaginários distintos dos encontrados em outras narrativas. Segundo Luyten (1984), o Tico-Tico foi a primeira revista em quadrinhos publicada no Brasil, a partir de 1905; tinha como personagens os heróis Buster Brown e seu cachorro Tige (Chiquinho e Jagunço, respectivamente), criados por Richard Outcault, além de outros personagens como Zé Macaco, Faustina, Réco-Réco, Bolão e Azeitona, estas últimas criadas por artistas nacionais

No ano de 1950, a Editora Abril, de Victor Civita, começa a publicar as histórias de Walt Disney em revistas coloridas: o “*Pato Donald*”, “*Zé Carioca*”, “*Tio Patinhas*” e “*Mickey Mouse*”. Enquanto isso, a Rio Gráfica, de Roberto Marinho, passa a imprimir “*Fantasma*”, “*Mandrake*”, “*Ferdinando*” (Li'l Abner), “*Nick Holmes*” (Rip Kirb), “*Jim Gordon*” (Buz Sawyer), “*Recruta Zero*” (Beetle Bailey) e outras. A revista *O Cruzeiro* publica “*Luluzinha e Bolinha*”. No início da década de 60, Maurício de Sousa começa a publicar suas histórias (CABELLO, ROCQUE, SOUSA, 2010).

As HQ, apesar de seu sucesso comercial, não eram consideradas como tendo importância e/ou relevância no processo de aprendizagem, tendo sido tratadas pela sociedade como uma subliteratura. O status das HQ era tão baixo que Fogaça (2002) em seu estudo, menciona que as HQ eram descritas como detentoras de uma linguagem nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de seus consumidores.

O sentido lúdico primava como ideia principal do seu uso, levando ao descarte da opção de usar uma HQ para a construção de novos conhecimentos e uma melhora na aprendizagem. Agora se pode dizer que as HQ, além do entretenimento podem ter caráter informativo já que, a partir da década de 80, se começa a dar importância ao uso dos quadrinhos como instrumento de aprendizagem. Atualmente, instituições

fazem uso de quadrinhos com o objetivo de divulgar os resultados das pesquisas da instituição, para poder atingir principalmente alunos de ensino médio (CABELLO, ROCQUE, SOUSA, 2010).

Apesar de muito antiga, a HQ constitui um mundo de encanto para as diversas faixas etárias, em especial para o segmento infanto-juvenil, que vê, nesta linguagem, uma forma muito interessante para expressar sentimentos e emoções (LISBÔA; BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2009). A leitura e a reflexão sobre os conteúdos das HQ podem estimular a consciência crítica da realidade e do meio em que se vive e ainda despertar manifestações artísticas nos alunos (VERGUEIRO, 2010).

Mediante sua linguagem própria, as histórias contadas por meio de sequências de imagens se tornaram uma das formas mais simples e diretas para a transmissão de ideias, oferecendo inúmeras possibilidades para o exercício da leitura. Além disso, contribuem para o desenvolvimento da competência de interação entre leitor e texto por meio de um processo de descoberta, tornando a leitura uma tarefa desafiadora e, até mesmo, lúdica (VERGUEIRO, 2010), uma vez que também desenvolvem a imaginação para a produção de histórias; a interação entre os estudantes, e uma ampla visão e análise da linguagem escrita e extraverbal (SILVA et al, 2015).

Kamel (2006) menciona que a utilização das HQ no contexto escolar proporciona ampliação de leituras e interpretações do mundo, e por se tratarem de publicações de cunho popular, estão estreitamente relacionadas ao contexto do aluno. As HQ têm a capacidade de atrair o jovem leitor e esse fato tem feito com que os educadores aproveitem cada vez mais esse instrumento, pois a sua utilização valoriza as situações do cotidiano e da vivência das crianças e adolescentes.

Assim, um primeiro desafio colocado ao educador é conhecer a linguagem dos quadrinhos. Nesse sentido, Ramos (2009), afirma que ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal), ressaltando, ainda, que dominar essa linguagem, mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto.

Dessa forma, entende-se que não basta ler apenas o elemento textual (diálogos e textos narrativos) de uma história em quadrinhos. É preciso ir além. Segundo Groensteen (2004), é nas articulações internas em elos de imagens que se fixa o

sentido, jogando o texto, por este ângulo, frequentemente, apenas um papel complementar. É necessário, portanto, identificar os tipos de balões (de fala, de pensamento), as metáforas visuais (lâmpada acesa sobre a cabeça quando o personagem tem uma ideia, estrelas indicando dor) ou as onomatopeias (representações de sons: explosão, tapa).

Uma das características principais dos quadrinhos é a sucessão das imagens, de maneira que numa HQ haverá um quadrinho que precede ao outro. Essas imagens têm uma ordem lógica e a criança e o adolescente ao se deparar com uma, poderia ter uma visualização do próximo quadrinho mesmo sem tê-lo visto; ela pode construir essa sucessão fazendo uso do imaginário e das capacidades inatas que possui como criatividade e emoções (RAMA, VERGUEIRO, 2014). Segundo Kamel (2006), a observação da imagem estimula a inteligência no sentido de permitir a abstração e uma maior combinação de interpretações, dependendo de quem a observa.

A linguagem dos quadrinhos utiliza os recursos da escrita e as imagens a fim de entreter e informar. O leitor coopera para construir a ação, encaminhada por meio da mistura da linguagem. Estes textos utilizam-se da narrativa com enredo e personagens. Geralmente os diálogos são construídos em primeira pessoa e a linguagem escrita aproxima-se da oralidade, fazendo com que o leitor sinta-se parte do contexto narrativo. Estes recursos são muito importantes nas histórias (NUNES E GONÇALVES, 2010).

Como educadores, pode-se modificar as concepções da leitura do aluno, proporcionando-lhes condições de vivenciar práticas de ler por prazer, além de ler para estudar e para se informar. Para tanto, a leitura de histórias em quadrinhos é um instrumento para fomentar o ler por prazer, para trocar ideias e privilegiar a construção de sentidos dos textos, estabelecendo relações com a realidade dos alunos e com diversas artes (BENCINI, 2006).

De acordo com Vergueiro e Pigozz (2013) os quadrinhos têm significativa importância pedagógica, por ser um meio facilitador de transmissão de informações. Além disso, possibilitam a construção do sentido e produção de informações de forma singular, pois apresentam uma linguagem diferenciada, com vários mecanismos comunicativos de destacada riqueza que potencializam a comunicação.

O uso das Histórias em Quadrinhos no ambiente escolar ou em espaço acadêmico é tão válido que está assegurado em diversos países, inclusive no Brasil, por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (ALMEIDA, PEREIRA, 2014).

O professor, adaptando os quadrinhos ao seu planejamento (objetivos e conteúdos), pode utilizar esse recurso, possibilitando novo estímulo ao aluno e, conseqüentemente, tornando sua aula mais interessante, além de poder observar melhor a aprendizagem de seus estudantes (VERGUEIRO, 2010).

As aplicações dos quadrinhos no processo de aprendizagem devem levar em consideração não só o literário, mas também o visual. As Histórias em Quadrinhos podem vir a ser um poderoso recurso pedagógico, capaz de explicar e mostrar aos estudantes, de forma divertida e prazerosa o contexto estético da história (SANTOS; VERGUEIRO, 2012).

3.3 Validação de um Recurso Pedagógico

A prática da enfermagem na promoção da saúde, inclusive sexual, tem sido fortemente influenciada pelos avanços tecnológicos que a sociedade vem sofrendo. Entretanto, antes de se lançarem produtos para serem usados como instrumentos didáticos, é necessário um ensaio com eles, a fim de se conhecer sua eficácia e eficiência (OLIVEIRA, FERNANDES & SAWADA, 2008).

Desta forma, é de grande importância a avaliação e a validação do material informativo para que este possa ser implantado no serviço, respaldando a assistência prestada pelo profissional e destacando o relevante papel educador do enfermeiro (DODT; XIMENES; ORIÁ, 2012).

Após a criação de um recurso pedagógico é preciso garantir que o mesmo é válido para atingir o objetivo que se propõe, ou seja, é preciso que o material passe por algumas fases de validação (CONTANDRIOPOULOS et al, 1997).

A validação é um processo em que se examina, com precisão, determinado instrumento ou inferência realizada a partir de escores estabelecidos. Validar é mais do que a demonstração do valor de um instrumento de medida, é todo um processo

de investigação. O processo de validação não se exaure, ao contrário, pressupõe continuidade e devem ser repetidas inúmeras vezes para o mesmo instrumento (RAYMUNDOS, 2009).

Um material passa a ser validado quando múltiplas medidas são empregadas para responder a uma única questão de pesquisa. Quanto maior o número de convergência dos resultados, após a utilização de várias técnicas para identificar sua viabilidade, maior a possibilidade de comprovar a confiabilidade e validade nos resultados do estudo (SALMOND, 1994; SILVA, 2005; FERNANDES, 2005; OLIVEIRA, 2006).

O processo de validação evidencia a relevância de se realizar a validação prévia, para conferir maior credibilidade ao material que pretende empregar. Desse modo, tendo sido comprovado sua validade, o material encontra-se apto a ser usado na investigação e na prática clínica, nos diversos campos de atuação da enfermagem (DODT; XIMENES; ORIÁ, 2012).

Assim, os recursos pedagógicos têm por função favorecer o conhecimento e criatividade do aluno. Além disso, busca estimular o adolescente a construir um processo decisório, autônomo e centrado em seus interesses, fortalecendo a autoestima e autonomia, contribuindo para o pleno exercício dos direitos sexuais e reprodutivos (SILVA, 2005).

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Aprendizagem baseada na Teoria da interação social de Vygotsky

O desenvolvimento deste estudo foi baseado na Teoria da Interação Social do psicólogo russo Lev Seminovitch Vygotsky (1896-1934). Pensador importante, foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual dos jovens ocorre em função das interações sociais e condições de vida (VYGOTSKY, 2005).

Vygotsky fez seus estudos na Universidade de Moscou para tornar-se professor de literatura. O objetivo de suas pesquisas iniciais foi criação artística. Foi só a partir de 1924 que sua carreira sofreu mudanças, passando a dedicar-se a psicologia evolutiva, educação e psicopatologia. A partir daí ele concentrou-se nessas áreas e produziu obras em ritmo intenso até sua morte prematura em 1934 (antes de completar 38 anos), devido a tuberculose (VYGOTSKY, 2005).

Foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa ao insistir que as funções psicológicas são um produto de atividade cerebral. Conseguiu explicar a transformação dos processos psicológicos elementares em processos complexos dentro da história (RABELLO, PASSOS, s/d).

As principais obras de Vygotsky traduzidas para o português são "A formação social da mente", "Psicologia e pedagogia" e "Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem", "A Construção do Pensamento e Linguagem" (obra completa), "Teoria e Método em Psicologia", "Psicologia Pedagógica" (RABELLO, PASSOS s/d).

Seu objeto de análise é a interação social, a qual pode ser definida como a troca de informação entre pelo menos duas pessoas, devendo ocorrer o sentido duplo entre essa interação, ou seja, a reciprocidade entre os envolvidos (WERLANG; SCHEINDER; SILVEIRA, 2008).

Este referencial foi escolhido pelo fato das Histórias em Quadrinhos constituírem-se como um recurso atrativo aos adolescentes, assim como serem meios dinâmicos que permitem a interação social, proporcionando o desenvolvimento cognitivo, imaginário e o levantamento de alguns questionamentos deste público alvo. Por esta razão, o referencial de Vygotsky foi escolhido para fundamentação teórica deste trabalho.

Vygotsky enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação (VYGOTSKY, 2005).

Segundo Werlang, Scheneider e Silveira (2008) é fundamental a bidirecionalidade entre os pares, ou seja, a necessidade de que ambos os participantes troquem experiências e conhecimentos. Porém, não existe a necessidade de que os participantes estejam no mesmo nível cognitivo, desde que haja uma troca mútua de significados.

Desde o início da vida, o desenvolvimento humano ocorre da interação com o meio, o conhecimento é adquirido através da interação com o mundo, quando buscamos conhecer, entender, experimentar, saber. Ao nascer, a sobrevivência da criança depende das pessoas que a cercam. Enquanto cresce, em contato e em trocas com o mundo, com pessoas e objetos, a criança recebe uma série de estímulos que propulsionam seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

O ser humano interage com o meio ambiente e responde aos estímulos externos, os analisa, organiza e constrói seu próprio conhecimento de forma contínua (THOFEHRN, LEOPARDI, 2006).

Nessa interação, há, entre sujeito e o objeto, um componente que promove a mediação e que se refere à capacidade do homem em interagir consigo e com outras pessoas (THOFEHRN, LEOPARDI, AMESTOY, 2008). Esses artefatos podem ser de duas origens, física, que altera o meio físico e o sujeito e consistem em instrumentos de concretos; ou de signos, que são os instrumentos psicológicos que atuam internamente (OLIVEIRA, 2001).

Dessa forma, a construção do conhecimento e a formação da consciência resultam de todas essas mediações, ao passo que o sujeito se apropria dessas novas formas de mediações (WERLANG; SCHEINDER; SILVEIRA, 2008; THOFEHRN; LEOPARDI, 2006).

Segundo o paradigma de Vygotsky, o sujeito e a subjetividade não são conceitos idealistas nem materialistas, assim, constituidores e constituintes na e pela

relação social que acontece na e pela linguagem. Vygotsky introduziu, na análise psicológica, que a linguagem e os signos constituem os fenômenos psicológicos. Todo seu trabalho está baseado na tentativa de reunir, tanto os mecanismos cerebrais subjacentes ao funcionamento psicológico, como o desenvolvimento do indivíduo e da espécie humana, ao longo de um processo sócio histórico (REIS, 2001).

O ser humano possui em seu interior o ensejo e a capacidade de imaginar, criar e combinar novas situações, pois através de nossa atividade criadora podemos nos permitir projetar para o futuro e para o passado, transformando o presente. O homem, na sua constituição social, faz e é feito pela cultura (REIS, 2001).

Oliveira & Stoltz (2010) em seu trabalho trazem a contribuição da teoria de Vygotsky abordando o desenvolvimento de formas superiores de pensamento ou de comportamento devido ao processo de internalização da cultura. Ou seja, quando a criança começa a falar, a linguagem, que é um sistema de signos historicamente construído, possibilita uma forma de pensamento qualitativamente muito superior àquele anterior na criança. As emoções, assim como o pensamento, podem evoluir de um nível inferior para outro superior, mais complexo, transformando-se em sentimentos de acordo com a sua valorização na sociedade.

Na explicação de desenvolvimento mental, Vygotsky (2005) cria o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que é definida como sendo a distância entre o desenvolvimento real e desenvolvimento potencial.

A noção vygotskyana de “zona de desenvolvimento proximal”, que é um dos princípios básicos da teoria de Vygotsky, tem, de início, uma marca teórica. Na concepção sociocultural de desenvolvimento, a criança não deveria ser considerada isolada de seu contexto sociocultural. Desse modo, nem o desenvolvimento da criança, nem o diagnóstico de suas aptidões, nem sua educação podem ser analisados se seus vínculos sociais forem ignorados. A noção de zona de desenvolvimento proximal ilustra, precisamente, esta concepção. Esta zona é definida como a diferença (expressa em unidades de tempo) entre os desempenhos da criança por si própria e os desempenhos da mesma criança trabalhando em colaboração e com a assistência de um uma outra pessoa (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

Esta zona de desenvolvimento próximo demonstra que o aprendizado desperta vários processos de desenvolvimento internamente, os quais funcionam apenas

quando o indivíduo interage em seu ambiente de convívio, ou seja, a zona de desenvolvimento próximo corresponde a capacidade do indivíduo de resolver problemas por si próprio e a capacidade de resolvê-los com ajuda de alguém. A ideia de zona de desenvolvimento próximo é muito importante, pois implica que o aprendizado humano é de natureza social e é parte de um processo em que a criança desenvolve seu intelecto dentro da intelectualidade daqueles que a cercam (VYGOTSKY, 2005).

A aprendizagem age na zona de desenvolvimento proximal e impulsiona a criança. É nesta área que o professor deve agir, uma vez que esta atinja novas capacidades via aprendizagem, cria-se uma nova zona de desenvolvimento proximal, superior à anterior (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

Werlang, Scheneider & Silveira (2008) afirmam que nascemos com Funções Psicológicas Elementares, tais como a atenção involuntária e os reflexos que, por meio da interação social, transformam-se em Funções Psicológicas Superiores, tais como consciência e planejamento. Porém, não devemos apenas considerar a interação social como um fator importante no processo ensino-aprendizagem, mas também como um fator que leva à conversão de fatos externos em funções mentais.

As Histórias em Quadrinhos são sistemas de signos que servem como instrumentos para o desenvolvimento de conhecimentos primitivos em conhecimentos mais superiores por meio da aprendizagem. Dessa forma, o recurso pedagógico apresentado, privilegia a linguagem verbal e visual (REIS, 2001).

Posto isso, entende-se a teoria da interação social como uma ferramenta a ser utilizada no processo de ensino aprendizagem, em busca da obtenção do desenvolvimento mental dos envolvidos. A troca de informações com base em Vygotsky não exige, necessariamente, que as pessoas tenham o mesmo nível de pensamento (WERLANG SCHEINDER; SILVEIRA, 2008). Dessa forma, evidencia-se sua aplicabilidade às questões do processo de ensino-aprendizagem, no qual vem ocorrendo mudança de paradigmas, visualizando o discente como pessoa com experiência anterior e o professor como sujeito em aprendizagem constate.

Estudo desenvolvido por Freitas (2010), à luz da teoria de Vygotsky, observou as interações sociais na área da saúde, mais especificamente na enfermagem, demonstrando que durante o período de formação do estudante é necessário um

ambiente favorável de aprendizado, em que o discente é um indivíduo que já possui experiências anteriores e o professor um sujeito que se encontra em constante aprendizagem, desta forma havendo a interação social entre estes indivíduos estabelece uma importante oportunidade de aprendizagem, para isto novas tecnologias educativas pode ser construídas e utilizadas no intuito de dinamizar e facilitar este processo.

Assim, a história em quadrinhos foi desenvolvida de forma que a contribuir no conhecimento e desenvolvimento cognitivo real da maioria dos adolescentes, mas que, mesmo assim, pudessem ser uma estratégia de ser um assunto discutidos com a ajuda de um professor, um profissional de saúde ou os pais e também com a interação entre eles mesmos, ou seja, estivessem na zona de desenvolvimento proximal da maioria dos adolescentes.

Neste sentido, compreende-se que a aprendizagem é um processo de construção de relações que conceitua que o aprendiz é um ser alvo, que interage com o mundo, sendo responsável pela direção e o significado do que está sendo aprendido. Nesta perspectiva, o ensino é entendido como um método facilitador para a construção do saber (HEIMANN et al, 2013).

Diante disso, a metodologia proposta neste estudo tem como uma de suas pretensões estimular a interação entre professor e aluno e entre os alunos, em que ocorrerá o intercâmbio de forma coletiva, assim como de forma individual, com respeito às peculiaridades e necessidades de cada aluno em assimilar a temática, com o intuito maior de auxiliar aos alunos a desenvolver a construção de sua autonomia para seu poder de escolha.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa metodológica, com foco no desenvolvimento, na avaliação e no aperfeiçoamento de instrumentos e estratégias metodológicas (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011). Esse tipo de estudo tem como propósito elaborar, validar e avaliar os instrumentos e técnicas de pesquisa, tendo como meta a elaboração de um instrumento confiável que possa ser utilizado posteriormente por outros pesquisadores (HULLEY et al., 2015), além disso, favorece a condução de investigações com rigor acentuado.

Esse tipo de estudo é considerado uma estratégia que utiliza de maneira sistemática os conhecimentos existentes para elaboração de uma nova intervenção ou melhora significativa de uma intervenção existente, ou ainda, elabora ou melhora um instrumento, um dispositivo ou um método de mediação (CONTANDRIOPOULOS, et al., 1997).

De acordo com Polit, Beck e Hungler (2011), a pesquisa metodológica costuma envolver métodos complexos e sofisticados incluindo o uso de modelos com método misto. Este método inclui a integração planejada de dados quantitativos e qualitativos, que tem como vantagens: o potencial de complementação, incrementação e a validade incrementada.

A abordagem quantitativa na pesquisa metodológica permite análises do grau de precisão do instrumento e a abordagem qualitativa permite análises descritivas das opiniões dos juízes-especialistas, chegando à validação do instrumento pela concordância das sugestões e valorização da importância e satisfação desse instrumento para o público-alvo (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011).

Desta forma, este estudo caracteriza-se como um estudo metodológico, pois apresenta foco na criação, validação, avaliação e aperfeiçoamento de instrumento metodológico (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011), sendo este, a história em quadrinhos denominada “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida”, da Série Sexualidade e Educação, como recurso pedagógico direcionado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.

5.2 Local do Estudo

Devido ao tipo de pesquisa, não foi possível ser realizado em um local físico único, pois cada juiz participou em seu próprio local de trabalho ou residência. Desta forma a pesquisa foi desenvolvida na Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

5.3 Participantes do estudo

A validação da história em quadrinhos “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, foi realizada por meio da apreciação de um comitê formado por onze (11) juízes. Integraram esse grupo de juízes professores da educação básica, pesquisadores atuantes na área da saúde sexual e reprodutiva e que trabalham com tecnologia da comunicação e profissionais da rede básica de saúde.

Com relação ao número de especialistas, ocorre divergência na literatura. Lynn (1986), indica como sendo ideal um mínimo de cinco e um máximo de dez pessoas participantes desse processo. Outros autores recomendam de seis a vinte sujeitos exercendo o papel de juízes (HAYNES; RICHARD; KUBANY, 1995), utilizamos, portanto, a recomendação destes últimos para compor o grupo de especialistas. Assim sendo foram enviados 13 convites, dos quais 11 responderam, um se recusou a participar e outro não devolveu o material até o momento.

Desta forma, foram selecionados cinco juízes professores da educação básica, quatro profissionais de saúde, entre eles profissionais da enfermagem, medicina e psicologia e quatro juízes pesquisadores.

Para a seleção dos juízes pesquisadores foi realizada busca na Plataforma Lattes/CNPq. Selecionando o modo de busca “Assunto (título ou palavra chave da produção)” de pesquisadores de nacionalidade Brasileira. A busca foi realizada utilizando filtros para pesquisadores nas grandes áreas da Ciências da saúde e Ciências Humanas – área Educação, com as palavras-chave: adolescência, “educação sexual”, sexualidade, contracepção, “tecnologia da educação”, validação e “material educativo”.

Para a seleção dos juízes professores da rede básica de educação e dos profissionais de saúde, foi contatado com as respectivas secretarias estaduais e municipais buscando, de alguma forma, uma indicação dos profissionais que desenvolvessem atividades relativas à temática no serviço em que atuam, mas não obtivemos sucesso. Deste modo, utilizamos a amostragem por conveniência para a seleção tanto de professores quanto de profissionais de saúde, devido ter sido identificado estas categorias através do Lattes.

Os dados de identificação dos participantes foram reunidos segundo as seguintes variáveis: profissão, idade, sexo, titulação, atuação profissional, tempo de experiência profissional relacionado a educação sexual/educação em saúde, experiência com o processo de construção e/ou validação de material educativo.

5.3.1 Critérios de inclusão

Foram incluídos na pesquisa professores da educação básica que lecionam disciplina de ciências no ensino fundamental do 6^a ao 9^a ano, e biologia no ensino médio com experiência na temática, pesquisadores que trabalham com tecnologias educativas atuantes nas áreas de educação e/ou saúde sexual e reprodutiva, com reconhecida produção científica na área e profissionais da rede básica de saúde que desenvolvam ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva com adolescentes há pelo menos cinco anos.

5.3.2 Critério de Exclusão

Foram excluídos da pesquisa aqueles profissionais que estiveram afastados de suas atividades por licenças previstas pela Consolidação de Leis Trabalhistas (CLT); aqueles que recusaram participar da pesquisa e aqueles que não deram retorno durante a fase de coleta de dados.

5.4 Aspectos Éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, através da plataforma Brasil, e teve aprovação com número de protocolo 32997414.2.0000.5013. A pesquisa respeitou os princípios éticos propostos na Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo garantido aos participantes o cumprimento dos preceitos da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

Após a análise e aprovação, a coleta de dados foi iniciada conforme cronograma. Para tal, os participantes foram contactados, por e-mail, telefone ou pessoalmente para identificar se o mesmo aceitava participar da pesquisa de forma voluntária e gratuita. Posteriormente, as histórias em quadrinhos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), duas vias, e o formulário de avaliação foram enviados por correio (enviados juntamente dois envelopes, um destinado aos TCLE assinados e outro ao formulário de avaliação com selo para reenvio às pesquisadoras), ou entregues pessoalmente.

Em andamento, os sujeitos da pesquisa foram esclarecidos quanto aos aspectos relacionados ao TCLE, principalmente no que se refere à garantia do sigilo, ao direito de recusar a continuar na pesquisa, em qualquer etapa, sem quaisquer prejuízos; e quanto à divulgação dos resultados em periódicos e eventos científicos. Os que concordaram participar da pesquisa assinaram o TCLE em duas vias, uma entregue a eles, e outra, que ficou sob a posse das pesquisadoras.

5.5 Procedimentos de coleta de dados

As etapas iniciais de construção deste recurso pedagógico, no formato de história em quadrinhos, foram realizadas com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do programa Novos Talentos que envolveu: delimitação da temática a ser abordada em cada volume e escolha de um “*Desing Pedagógico*” (Edital 033/2010/CAPES/DEB – Programa Novos Talentos). Desta forma cada história em quadrinho foi planejada, construída e

impressa anteriormente, obedecendo as etapas da construção metodológica de uma produção tecnológica.

Na primeira parte do design pedagógico foi feita uma sinopse em que definimos o cenário e o conteúdo de cada história. Depois construímos a parte da interatividade: uma apresentação voltada ao público adolescente cujo desenvolvimento foi elaborado e cada página foi dividida em painéis nos quais foram sendo descritos personagens, cenário, diálogos e conteúdo, para em seguida serem desenhados.

A segunda fase configurou-se na validação da aparência e conteúdo da história em quadrinhos. A terceira fase pela readequação e reimpressão dos materiais e a quarta e última fase é a validação semântica, em que será realizada a avaliação e aceitação das Histórias em Quadrinhos pelo público-alvo.

Esta pesquisa se volta para a etapa de validação de aparência e conteúdo do mesmo. Este é um passo essencial no desenvolvimento de novas tecnologias porque representa o início de mecanismos para associar conceitos abstratos com indicadores observáveis e mensuráveis (ALEXANDRE, COLUCI, 2011).

De acordo com Dodt, Ximenes e Oriá (2012), a validade de conteúdo, que se refere ao domínio de um dado construto ou universo que fornece a estrutura e a base para formulação de questões que representem adequadamente o conteúdo, estas devem ser submetidas a um grupo de juízes, considerados especialistas neste conceito.

Para validação de aparência, o grupo de juízes julga o recurso educativo quanto à clareza dos itens, facilidade de leitura, compreensão e forma de apresentação do instrumento (OLIVEIRA, 2006).

A validação de conteúdo de um instrumento baseia-se, necessariamente, em um julgamento; indica em que medida o instrumento possui uma amostra apropriada de itens para medir o construto específico e cobrir adequadamente seu domínio (POLIT; BECK, 2011). Ela examina a capacidade dos itens de representar adequadamente todas as dimensões do conteúdo a ser abordado no instrumento.

Foram distribuídos os seguintes documentos aos juízes do estudo: carta-convite (APÊNDICE I) com informações sobre o título, objetivos e a justificativa do processo de validação, além da importância da contribuição dos mesmos para o

processo de validação para posterior divulgação e utilização na comunidade, como sugere Lacerda et al, (2007).

Após a confirmação do aceite da pesquisa, foi enviado aos juízes o instrumento de avaliação (APÊNDICE II), um exemplar da história em quadrinhos (APÊNDICE III), bem como um formulário com algumas informações acerca do preenchimento do instrumento (APÊNDICE IV) e o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE V). Foi dado um prazo médio de 30 dias para cada juiz analisar e devolver o instrumento, entretanto, alguns juízes necessitaram de tempo adicional. A coleta dos dados sucedeu no período de junho a setembro de 2016.

Os juízes avaliaram a história como um todo, determinando sua abrangência. Isto é, se cada domínio ou conceito colocado na história foi adequadamente coberto pelo conjunto de itens e se todas as dimensões foram contempladas. Aos juízes foi solicitado/sugerido que poderiam recomendar a inclusão ou a eliminação de itens no conteúdo da história e ilustrações.

Foram enviadas treze cartas convites, sendo dez para juízes do sexo feminino e 03 (três) do sexo masculino, no entanto, um juiz, professor da educação básica, se recusou a participar, e outro não respondeu, assim, formou-se o grupo de onze juízes, conforme determinado pelo estudo. Os profissionais foram codificados e seus dados categorizados em uma tabela.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi criado pelo grupo de pesquisa envolvido no desenvolvimento do projeto “Série Saúde e Sexualidade”, sendo testado por professores, mestres e doutores, vinculados à Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e a Universidade de São Paulo (USP) e validado numa pesquisa de mestrado da UFAL.

Para garantir a confiabilidade do instrumento utilizado nesta pesquisa, foi calculado o Coeficiente Alfa de Cronbach para medir a correlação entre respostas do instrumento através da análise das respostas dadas pelos Juízes, apresentando uma correlação média entre as perguntas. O Coeficiente Alfa de Cronbach é a estratégia mais utilizada para verificar a consistência interna do instrumento no grupo estudado (TIBÚRCIO et al., 2014) em que os valores são distribuídos numa escala de 0 a 1, e é considerado válido ao atingir 0,7 (OVIEDO, CAMPO-ARIAS, 2005).

O coeficiente α (Alfa) é calculado a partir da variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens de cada Juiz de todos os itens de um questionário que utilizem a mesma escala de medição (MONTEIRO; HORA, 2014), de acordo com a fórmula abaixo:

$$\alpha = \frac{K}{K-1} \left[1 - \frac{\sum S_i^2}{S_T^2} \right]$$

Onde:

K: é o número de itens

S_i^2 : Somatória de Variâncias dos Itens

S_T^2 : Variância da soma dos Itens

O instrumento de coleta de dados compõe-se por duas partes: a primeira referente à caracterização dos juízes, em que se perguntou sobre a sua profissão, idade, titulação, atuação profissional, tempo de atuação na área de estudo e se tem experiência com estudos de validação e; a segunda parte o instrumento se debruça sobre a análise da HQ por meio de uma escala de Likert. Ao responderem um questionário baseado nesta escala, os juízes especificam seu nível de concordância com uma afirmação (ALEXANDRE, COLUCI, 2011).

A escala avalia a HQ quanto à clareza e a pertinência ou representatividade, em que o juiz indica seu grau de concordância ou discordância com declarações relativas à atitude que está sendo medida. As declarações de concordância receberam valores positivos ou altos, enquanto as declarações discordantes receberam valores negativos ou baixos. Sendo assim, para avaliar clareza, as respostas incluem: 1 = não claro 2 = pouco claro 3 = claro 4 = muito claro. Para avaliar a pertinência ou representatividade as respostas incluem: 1 = irrelevante não representativo, 2 = item necessita de revisão para ser representativo 3 = item relevante ou representativo e 4 = extremamente representativo.

Para analisar a validade de conteúdo, utilizamos o Índice de Validade de Conteúdo (IVC), para medir a proporção de participantes que estão em concordância sobre os painéis ou itens da HQ, permitindo analisar cada um individualmente e também como um todo.

O escore do índice será calculado por meio da soma de concordância dos itens que foram marcados por “3” ou “4” pelos participantes. Os itens que receberem pontuação “1” ou “2” serão revisados para serem reescritos e ilustrados.

Utilizamos uma escala tipo Likert. A escala Likert é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, e é a escala mais usada em pesquisas de opinião. Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os perguntados especificaram seu nível de concordância com uma afirmação (ALEXANDRE, CALUCI, 2011). Esta escala tem seu nome devido à publicação de um relatório explicando seu uso por Rensis Likert.

O instrumento encontra-se dividido em dois domínios, possui 10 perguntas referente a clareza e 11 referente a pertinência ou representatividade e três perguntas abertas para explorar as sugestões dos juízes.

5.6 Tratamento dos Dados

Para a organização, tabulação e análise dos dados utilizou-se inicialmente o Excel 2010. Os instrumentos respondidos foram digitados em uma planilha eletrônica, sendo realizada a dupla digitação. Os dados sofreram tratamento estatístico descritivo.

A base de dados utilizada para a extração dos dados foi estruturada para possibilitar sua análise de acordo com o software estatístico utilizado, neste caso o *Statistical Package for the Social Sciences, SPSS 20.0*. As informações foram apresentadas em forma de tabelas, distribuições de frequências, variabilidade.

As respostas qualitativas foram agrupadas em quadros conforme características semelhantes presentes nas mesmas, evidenciando as ideias centrais dos discursos dos juízes.

5.7 Análise dos Dados

Os juízes analisaram o material educativo, considerando a aparência das figuras e o conteúdo dos diálogos em relação aos seguintes critérios:

- Clareza: Se eles foram redigidos de forma que o conceito esteja compreensível e expressa adequadamente o que se espera medir.
- Pertinência ou representatividade: verificar se os itens realmente refletem os conceitos envolvidos, se são relevantes, e adequados para atingir os objetivos propostos.
- Foi deixado um espaço para que os participantes pudessem escrever suas sugestões para melhorar o item ou fazer comentários sobre o objeto avaliado.

Para analisar a validade de conteúdo, foi utilizado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC), para medir a proporção de participantes que estão em concordância sobre os painéis ou itens das Histórias em Quadrinhos, o que permitiu analisar cada um individualmente e também como um todo.

O Índice de Validade de Conteúdo (IVC) foi calculado com base em três equações matemáticas: o S-CVI/Ave (média dos índices de validação de conteúdo para todos os índices da escala), S-CVI/UA (proporção de itens de uma escala que atinge escores 3 realmente relevante e 4 muito relevante, por todos os juízes) e o I-CVI (validade de conteúdo dos itens individuais) (POLIT, BECK 2011).

Em consequência disso, este é o valor mínimo usado como critério de decisão da permanência do item avaliado. No entanto, isso não significa afirmar que os especialistas concederam os mesmos escores em suas avaliações, mas, houve uma relativa harmonia entre os escores de um especialista em relação aos dos demais (ORÍÁ, 2008).

O escore do índice foi calculado por meio da soma de concordância dos itens que foram marcados por “3” ou “4” pelos participantes. Os itens que receberem pontuação “1” ou “2” serão revisados para serem reescritos e ilustrados.

Salienta-se que o IVC varia de -1 e 1, e considera-se válido o item cuja concordância entre os juízes seja igual ou maior que 0,80 (NORWOOD, 2000).

A fórmula para o cálculo

$$\text{IVC} = \frac{\text{Nº de respostas 3 e 4}}{\text{Total de respostas}}$$

A outra abordagem de análise do instrumento foi centrada nas informações qualitativas. A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação

dinâmica entre o mundo real e o potencial, na qual o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa. Nesse âmbito, o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI, 2009).

6 RESULTADOS

Realizada a coleta dos dados com os juízes participantes da pesquisa, através do preenchimento dos instrumentos e observações na própria história em quadrinhos, pôde-se dar início a organização dos dados. Os dados foram organizados separadamente em dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos foram organizados de acordo com a frequência e apresentados em tabelas. Os qualitativos, foram analisados e agrupados de acordo com o tipo de sugestão dada pelos juízes.

6.1 Caracterização dos Juízes

Fizeram parte deste estudo 11 (onze) juízes de diferentes regiões do país, que se encaixaram nos critérios de inclusão do estudo, sendo três juízes professores da educação básica; quatro profissionais de saúde e quatro juízes pesquisadores da área de tecnologias educativas voltadas a saúde sexual e reprodutiva.

O perfil foi traçado a partir do *currículo lattes* de cada um, extraído da Plataforma lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), além dos dados referidos no questionário.

Para preservar o anonimato dos juízes participantes da pesquisa, optou-se por dar-lhes pseudônimos referentes a personagens das obras do cartunista Maurício de Sousa (Cebolinha, Denise, Cascão, Marine, Aninha, Dorinha, Maria Cascuda, Mônica, Maria Cebolinha, Magali e Carminha Fru Fru).

O Quadro 1 apresenta o perfil dos juízes quanto à profissão e tempo de experiência, idade, sexo, titulação, atuação profissional e experiência no processo de construção e/ou validação de recurso pedagógico.

Ressalta-se que os juízes possuíam idade entre 27 e 50 anos, com uma média de 39 anos e sendo a maioria do sexo feminino, apresentando apenas 02 juízes do sexo masculino. O tempo de experiência variou de 05 a 26 anos. Em relação à

titulação, todos os juízes eram, no mínimo, graduados, sendo quatro juízes com apenas graduação, três especialistas, dois com mestrado e dois com doutorado. Quanto a experiência profissional relacionada à educação sexual ou educação em saúde, todos afirmaram ter, pelo menos, há cinco anos. Além disso, cinco juízes afirmaram possuírem experiência com processo de construção e/ou validação de recurso pedagógico.

Em relação a atuação profissional os juízes se dividem em assistência, pesquisa e ensino, sendo a maioria voltado ao ensino. Dos onze juízes, cinco estão atuando apenas no ensino; dois estão presentes no ensino, assistência e pesquisa; dois ensino e pesquisa e dois apenas na assistência. Atualmente todos os profissionais que participaram do estudo como juízes estão envolvidos no eixo de saúde sexual e reprodutiva.

Quadro 01- Caracterização dos juízes do estudo. Maceió/ AL, 2016.

Juízes	Profissão / Tempo de experiência relacionada a educação sexual	Idade	Sexo	Titulação	Atuação profissional	Experiência com o processo de construção e/ou validação de recurso pedagógico	Experiência com educação sexual ou educação em saúde
Cebolinha	Educador 05 anos	27	M	Graduação	Ensino de biologia	Sim	Sim
Denise	Pedagoga / Farmacêutica 13 anos	33	F	Especialista	Ensino de ciências no ensino fundamental	Não	Sim
Cascão	Educador 12 anos	32	M	Graduação	Ensino de biologia no ensino médio	Sim	Sim
Marine	Enfermeira 19 anos	42	F	Especialização/ Residência	Assistência/ Pesquisa/ Ensino	Não	Sim
Aninha	Psicóloga 6 anos	27	F	Graduação	Ensino	Não	Sim

Juízes	Profissão / Tempo de experiência relacionada a educação sexual	Idade	Sexo	Titulação	Atuação profissional	Experiência com o processo de construção e/ou validação de recurso pedagógico	Experiência com educação sexual ou educação em saúde
Dorinha	Enfermeira 15 anos	38	F	Especialista	Assistência	Não	Sim
Maria Cascuda	Psicóloga 12 anos	40	F	Graduação	Assistência	Não	Sim
Mônica	Enfermeira 9 anos	38	F	Mestrado	Assistência/ Ensino / Pesquisa	Sim	Sim
Maria Cebolinha	Médica/ Psicóloga/ Sexóloga 25 anos	49	F	Mestrado	Ensino	Sim	Sim
Magali	Enfermeira/ 26 anos	50	F	Doutorado	Pesquisa/ Ensino	Não	Sim
Carminha Frufru	Professora Universitária 8 anos	50	F	Doutorado	Pesquisa/ Ensino	Sim	Sim

6.2 Validação de aparência e conteúdo do recurso pedagógico

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi avaliado quanto a sua confiabilidade, por meio do coeficiente Alfa de Cronbach.

Desta forma, observa-se que tanto o bloco referente a clareza, quanto ao bloco referente a representatividade obtiveram um Coeficiente de Alfa de Cronbach com alto nível de confiabilidade, apresentando respectivamente 0,96 e 0,88, conforme pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1 - Coeficiente Alfa de Cronbach por grupo de itens do questionário, segundo a Clareza e Representatividade. Maceió/AL, 2016.

Onde:	Resultado Clareza	Resultado Representatividade
K: é o número de itens	10	11
Si²: Somatória de Variâncias dos itens	5,91	4,55
S_t²: variância da soma dos itens	43,4	22,85
α: Coeficiente de Alfa de Cronbach	0,96	0,88

6.2.1 Dados quantitativos

A abordagem quantitativa na pesquisa metodológica permite análises do grau de precisão do instrumento (POLIT; BECK, 2011).

Após a avaliação dos dados quantitativos, item por item, o recurso pedagógico foi avaliado como um todo atingindo um índice de concordância de 90,90% entre os juízes, em que a resposta 4 (quatro) foi a moda entre as respostas (109), portanto, maior que o valor de referência para validação determinado neste estudo, que é de 80% (Tabela 2).

O Bloco clareza alcançou isoladamente um nível de concordância de 88,18%, em que a resposta 4 (Muito Claro) foi a moda entre os juízes. Com relação ao segundo bloco, representatividade, foi obtido um nível de concordância entre os juízes de 93,38%, em que, também, a resposta 4 (Extremamente Representativo), foi a moda entre os juízes. Assim, constata-se que, a história em quadrinhos “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, avaliada foi considerada válida para ser usada como um recurso pedagógico, conforme demonstrado na tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição dos escores e índices de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, segundo a clareza e representatividade. Maceió/AL, 2016.

Bloco	Score				Índice de Concordância/Item %
	1	2	3	4	
Clareza	03	10	48	49	88,18
Representatividade	01	07	53	60	93,38
Total	04	17	101	109	90,90

Fonte: Autora (2016).

Legenda: 1(Não claro / Não representativo) 2 (Pouco claro / Necessita de revisão para ser representativo) 3 (Claro / Representativo) 4 (Muito Claro / Extremamente representativo).

Quanto a Clareza do recurso pedagógico a ser validado, foram avaliados dez (10) itens pelos juízes, conforme demonstra na tabela abaixo, do total de 110 respostas (score), 97 das mesmas foram positivas quando julgadas como claro (48) ou muito claro (49), alcançando o nível de concordância esperado de 88,18%

Do mesmo modo, observa-se na tabela 3, que a maioria dos itens alcançaram isoladamente um índice de concordância superior a 80%, sendo ainda, o item referente aos diálogos atingiu o nível máximo de concordância de 100%.

Tabela 3 - Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, segundo a clareza. Maceió/AL, 2016.

Clareza	1	2	3	4	Índice de Concordância/Item %
1. Título	1	0	4	6	90,91
2. Apresentação	1	1	4	5	81,82
3. Objetivo	0	1	3	7	90,91
4. Relação entre as partes	1	1	5	4	81,82
5. Concisão	0	1	6	4	90,91
6. Estrutura textual	0	2	4	5	81,82
7. Ilustrações	0	1	5	5	90,91
8. Diálogos	0	0	6	5	100
9. Harmonia	0	1	6	4	90,91
10. Vocabulário	0	2	5	4	81,82
Subtotal	3	10	48	49	
Percentual por escore	2,73	9,09	43,64	44,55	88,18

Fonte: Autora (2016).

Legenda: 1 (Não claro) 2 (Pouco claro) 3 (Claro) 4 (Muito Claro).

Quanto ao bloco referente a representatividade do recurso pedagógico proposta, observa-se na tabela 4 que foram julgados 11 itens referentes a representatividade. Do total de 121 repostas (score), 113 foram positivas, sendo 53 julgadas como representativas e 60 respostas julgadas como extremamente representativas, atingindo um nível de concordância de 93,39%, demonstrando mais uma vez que o recurso pedagógico foi considerado válido.

Ainda referente a representatividade observou-se que dos 11 itens, 04 (quatro) itens atingiram o percentual máximo de 100%, que foram referentes ao título, tema, qualidade do conteúdo e contribuição da história. Além disso, nenhum item atingiu o índice de concordância menos que o estabelecido de 0,80.

Tabela 4 - Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, segundo a representatividade. Maceió/AL, 2016.

Representatividade	1	2	3	4	Índice de Concordância/Item %
1. Título	0	0	6	5	100
2. Tema	0	0	5	6	100
3. Originalidade	0	1	7	3	90,91
4. Consistência do conteúdo	0	1	4	6	90,91
5. Qualidade do conteúdo	0	0	3	8	100
6. Contribuição da história	0	0	4	7	100
7. Design pedagógico	0	1	4	6	90,91
8. Ilustrações	1	1	4	5	81,82
9. Diálogos	0	1	5	5	90,91
10. Compreensão da mensagem	0	1	4	6	90,91
11. Vocabulário	0	1	7	3	90,91
Subtotal	1	7	53	60	
Percentual por escore	0,83	5,79	43,80	49,59	93,39

6.2.2 Dados qualitativos

Introdução a estes dados

A abordagem qualitativa, na pesquisa metodológica, permite análises descritivas das opiniões dos juízes-especialistas, chegando à validação do instrumento pela concordância das sugestões e valorização da importância e satisfação desse instrumento para o público-alvo (POLIT; BECK, 2011).

Esse tipo de abordagem é parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, na qual o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa. Nesse âmbito, o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI, 2009).

Assim, após a análise dos dados quantitativos, deu-se continuidade com a análise qualitativa, que aconteceu através da análise de conteúdo das descrições e

sugestões feitas pelos juízes no instrumento de coleta de dados e no próprio recurso pedagógico (História em Quadrinhos).

No instrumento encaminhado aos juízes foi disponibilizado um espaço para suas considerações e/ou justificativas de suas escolhas para que os autores pudessem ajustar o gibi com intuito de qualificar a história em quadrinhos. Quando perguntados se utilizariam a história em quadrinhos em suas aulas, 07 responderam que sim, 01 respondeu que não e 03 não responderam.

Além disso, os juízes foram interrogados quanto sua avaliação em relação ao que pensam sobre a história, quanto ao entendimento dos diálogos, quanto a dificuldade de entendimento do assunto e a importância/relevância do tema. Dos onze juízes oito responderam a essa parte do instrumento, os oito consideraram as conversas da história fácil de entender, assunto sem dificuldade de entendimento e consideraram o tema da história muito importante para os estudantes, como pode-se observar no quadro abaixo:

Quadro 02- Distribuição das respostas dos juízes quanto a sua avaliação da história em quadrinhos. Maceió, 2016.

Perguntas Avaliativas			
1. O que você pensa sobre a história que acabou de ler?			
Muito boa	Boa	Não é boa	Não respondeu
06	02	0	03
2. Você entendeu as conversas (diálogos) da história?			
Fácil de entender	Algumas vezes difícil	Não compreensível	Não respondeu
08	0	0	03
3. E sobre os assuntos que estão na história, você teve alguma dificuldade de entender?			
Sem dificuldade	Pouca dificuldade	Uma série de dificuldade	Não respondeu
08	0	0	03

Perguntas Avaliativas			
4. O tema da história é importante para os estudantes?			
Muito importante	Pouco importante	Não é importante em tudo	Não respondeu
08	0	0	03

Quando questionados sobre se alteraria alguma coisa na história em quadrinhos, dos onze juízes, oitos responderam que alterariam cuja sugestões foram das mais variadas naturezas, desde ilustrações gráficas, linguagem verbal e conteúdo. Sendo assim, as sugestões foram analisadas, avaliadas e agrupadas de acordo com as ideias principais que surgiram.

Em relação as ilustrações gráficas, na questão dos aspectos, na forma dos desenhos e nas expressões faciais dos personagens, quatro (04) juízes fizeram sugestões, sendo um (01) educador e três (03) profissionais da saúde, como observamos nas falas abaixo:

Achei o desenho dos jovens com uma expressão de cansaço, era para eles demonstrarem mais entusiasmo. (Dorinha)

Personagens esquisitos, deformados e desinteressados. Algumas não parecem adolescentes. (Maria Cascuda)

A personagem do posto é visivelmente esquisita e tem orelhas e seios deformados. (Aninha)

Muitos personagens parecem entediados e não interessados. (Denise)

Figura 01. Páginas: 05 e 07 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.



Quanto a imagem da capa da história em quadrinhos, foram realizadas algumas observações:

Capa pouco atrativa para o público alvo. (M^a Cascuda)

A capa não é convidativa. (Denise)

Além disso, foi salientado quanto a ausência do subtítulo da história:

O subtítulo da história "Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!", não foi localizado. Sugiro acrescentar na capa. (M^o Cascuda)

Figura 02. Página 01 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Original

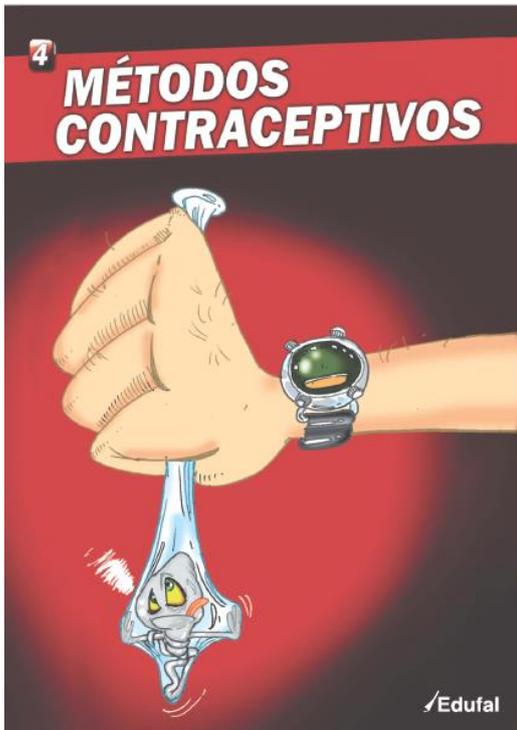


Figura com a modificação



Quanto a estética da fonte, também foram feitas algumas sugestões. Dois juízes da área da saúde sugeriram mudança especificamente nas páginas 14 e 15:

Na página 14 e 15, sugiro aumentar o tamanho da letra, está difícil de ler, além disso, padronizar cor das letras para preta. (Magali)

Acrescentar no quadro 07 da página 14: Dar um nó ao retirá-la; no quadro 08: jogar no lixo. E ao final das páginas 14 e 15 acrescentar: Não pode reaproveitar a camisinha. (Mônica)

Figura 03: Página 14 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Original

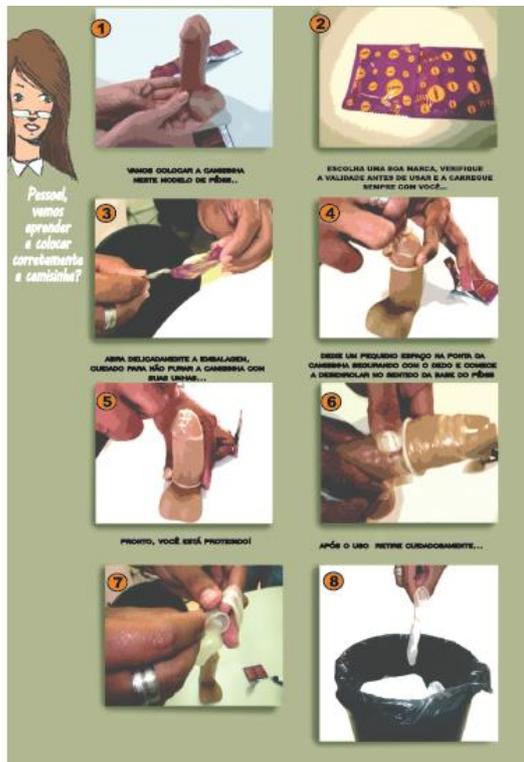
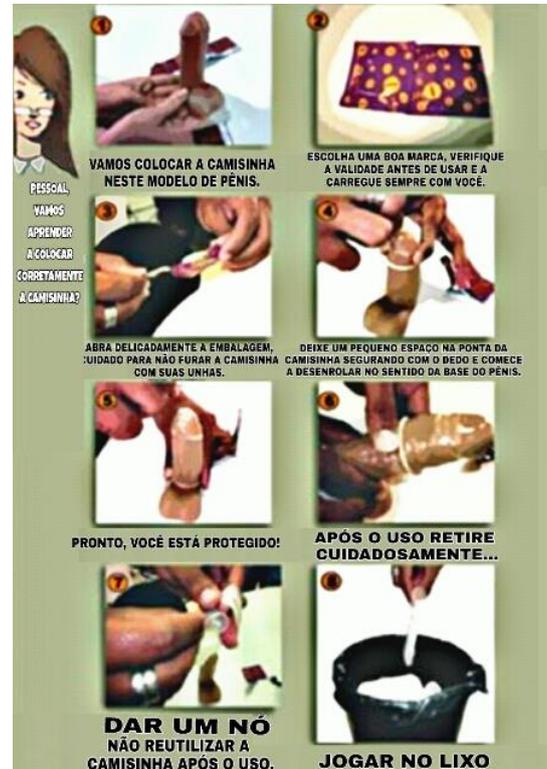


Figura com a modificação



Mais duas sugestões foram realizadas em relação a estética das páginas, desta vez por uma juíza psicóloga e uma pesquisadora da área de tecnologias educativas:

Algumas páginas, como a 07, possuem muitas informações visuais e excesso de texto, fica até difícil saber a ordem das falas. (Maria Cascuda)

Figura 04: Página 07 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.



No quesito linguagem verbal, foram realizadas algumas sugestões em relação ao vocabulário, com a finalidade de adequar a linguagem na medida certa de acordo com o público-alvo:

Usar linguagem menos técnica, sugiro incluir algumas gírias. (Denise)

Adaptar a linguagem à característica do personagem. Ex.: a patricinha com linguagem de patricinha, o nerd com linguagem de nerd. (Cebolinha)

No diálogo da página 5 da história, a juíza Carminha Fru Fru, sugere trocar as palavras meninas e meninos por moças e rapazes que é usada na primeira fala da personagem médica:

[...] não deveria ser usado o termo meninos e meninas, mas sim moças e rapazes. O termo menino parece se referir a um indivíduo mais jovem, e não em idade de iniciar uma vida sexual. (Carminha Fru Fru)

Figura 05: Página 05 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Original



Figura Modificada



Algumas sugestões sobre atualização de termos também foram referidas. A juíza Mônica relata que, a minipílula e a injeção trimestral não devem ser usadas por jovens menores de 18 anos, por isso sugere trocar, no quadrinho da página 18, a idade 16 po 18 anos

Na fala da médica na página 18, no 1º quadrinho, corrigir antes de 16 anos, por antes de 18 anos. (Mônica)

Figura 06: Página 18 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.



Mônica continua:

Alguns termos estão desatualizados, é necessário fazer atualização: Planejamento familiar por Planejamento reprodutivo; doença sexualmente transmissíveis por infecções sexualmente transmissíveis. (Mônica)

Sugestões direcionadas ao conteúdo da história também foram dadas. Todas as sugestões quanto a esse quesito foram realizadas pelas juízas, enfermeiras e pesquisadoras atuante na área da saúde sexual e reprodutiva, Mônica e Magali.

Mônica sugere acrescentar na página 23, no terceiro quadrinho, uma explicação pelo qual não se deve utilizar um método comportamental sem associá-lo a um outro método contraceptivo. Ela acredita ser necessário esclarecer para que o jovem não pense que a fisiologia não funciona adequadamente:

Importante explicar o porquê dos métodos contraceptivos comportamentais podem não funcionar. Porque os adolescentes não têm regularidade do ciclo, sono regular, entre outros. Acrescentar isso para não dar a entender que a fisiologia não funciona. (Mônica)

Na página 17, ela sugere:

Acréscitar que estudos mais recentes comprovam que o DIU NÃO é um método abortivo. A sua função é ser um método de barreira mesmo, impedindo o encontro dos gametas. E o cobre que tem no DIU é um excelente meio para repelir, afastar os espermatozoides. (Mônica)

Figura 07: Página 17 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Original



Figura Modificada



Sobre o método da tabelinha, Mônica e Magali acharam a explicação muito vaga e sugerem ampliar as informações:

Sugiro acrescentar exploração sobre o método da tabelinha. (Magali)

Achei a explicação muito reduzida. É necessário discorrer um pouco nas ilustrações sobre a irregularidade menstrual, tão comum nos ciclos menstruais das adolescentes e para utilizar a tabelinha deverá, o ciclo menstrual, ser estudado por no mínimo 6 meses e o profissional de saúde deverá fazer o cálculo que o Ministério da Saúde recomenda (Mônica).

Figura 08: Página 11 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Original

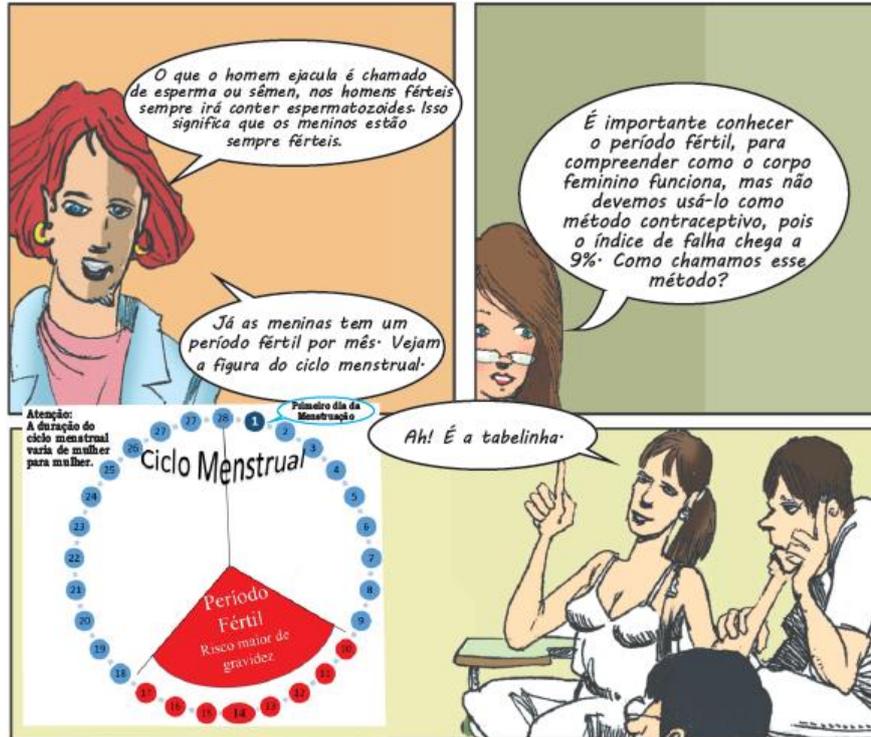
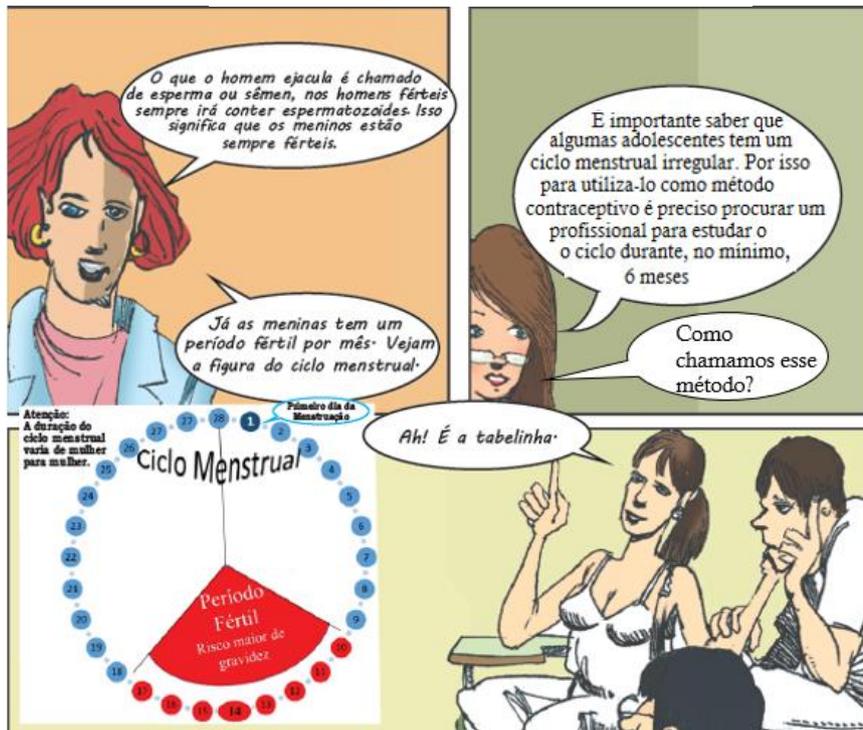


Figura Modificada



Quanto ao método de implante hormonal, a Juíza Mônica faz uma importante observação:

É importante informar que o método de implante deve ser usado com restrições na adolescência.

Na página 16, Mônica destaca a fala da enfermeira em relação ao período de regulação hormonal da mulher. Na história a adolescente quer saber se é verdade que depois de fazer uso da pílula combinada por muito tempo, fica mais difícil a mulher engravidar. Segundo a juíza Mônica a resposta ficou incompleta:

Na fala da enfermeira é preciso acrescentar que nem sempre leva algum tempo para a regularização hormonal, após o uso de métodos hormonais. As vezes basta o esquecimento de um dia e a mulher já engravida.

Figura 09: Página 16 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Original

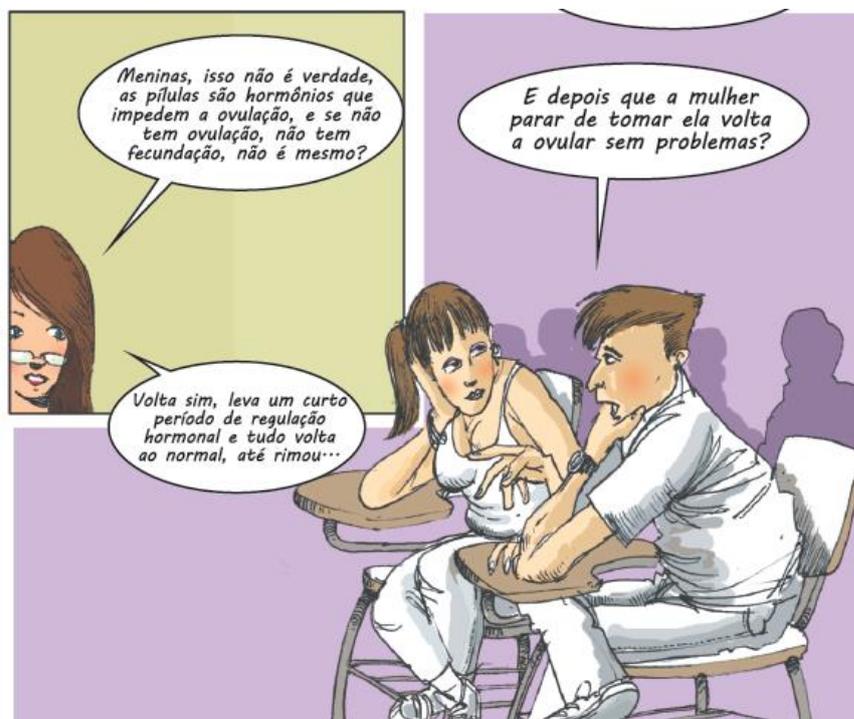


Figura Modificada



Por fim, a juíza faz a sugestão de dar mais ênfase na participação da personagem enfermeira:

Acho importante dar mais ênfase na participação da enfermeira nas explicações e na palestra como um todo. A realidade que temos é que os médicos dificilmente participam desses momentos. A enfermeira geralmente é a maior responsável pelas atividades educativas. (Mônica)

Enfatizar no final que a consulta de enfermagem também pode acontecer. (Mônica)

Quando perguntado se gostariam de excluir algum conteúdo na história em quadrinhos, todos os juízes responderam que não.

7 DISCUSSÃO

A atuação da enfermagem tem sido fortemente influenciada pelos avanços tecnológicos que a sociedade vem enfrentando. Entretanto, mesmo com esse advento e as diversas descobertas na área da saúde, grande parte dos recursos tecnológicos existentes ainda não atingem toda a comunidade (OLIVEIRA, FERNANDES & SAWADA, 2008). Diante desta lacuna, percebe-se a necessidade da utilização de um recurso pedagógico que contribua no processo de ensino-aprendizagem de adolescentes e que, além disso, possua características importantes como acessibilidade e baixo custo.

A elaboração de novas estratégias para o cuidar configura a enfermagem como uma ciência em construção. O constante avanço no processo de trabalho do enfermeiro estimula a construção de tecnologias voltadas a sistematizar e tornar mais efetiva a sua atuação (CRUZ et al., 2016).

Recursos pedagógicos atuam de maneira importante enquanto estratégia de suporte para atividades de projetos educacionais em saúde, tendo em vista, que ajudam o indivíduo a compreender as informações que lhes são transmitidas, além de funcionarem como um recurso prontamente disponível para que o adolescente possa utilizar (FREITAS; CABRAL, 2008). Assim, oferecer informações e orientações ao público-alvo em relação a temática abordada, por meio de materiais educativos impressos, pode ser uma importante estratégia para favorecer o conhecimento e a tomada de decisão ao uso (SOUSA; TURRINI, 2012).

Na análise do instrumento, utilizado nesta pesquisa, notou-se que todos os juízes selecionados estão atuando na área de educação em saúde. Dentre os profissionais de saúde envolvidos no uso de ações de caráter educativo, os enfermeiros são constantemente desafiados a buscar opções que lhes ofereçam suporte para atuarem junto as pessoas, aos grupos e as comunidades, tendo as tecnologias educativas como fortes aliadas nesse processo (BERARDINELL et al., 2014).

De acordo com Coscrato e Bueno (2013), a Educação em Saúde é definida como a mudança do enfoque predominantemente biológico e curativo, para o olhar preventivo e de promoção da saúde, englobando os diversos contextos (sociais,

culturais, ambientais) em que o ser humano está inserido, fazendo-se valer a escuta e a acolhida à realidade dos educandos, predominando a dimensão subjetiva, cidadã e humanizada da prática em saúde.

A educação em saúde tem sido um desafio no que se refere à possibilidade de garantir uma aprendizagem efetiva e transformadora de atitudes e hábitos de vida. Experiências relatadas no estudo de Pinto et al. (2013), evidenciaram que transmitir informações não é suficiente para que adolescentes e jovens desenvolvam atitudes de vida saudável. É preciso educar para a saúde, levando em conta todos os aspectos envolvidos na formação de hábitos e atitudes que acontecem no dia a dia.

Quanto a titulação dos juízes e o tempo de experiência profissional, foi observado que se constituem em profissionais qualificados em suas respectivas profissões, bem como, todos apresentam atuação em saúde sexual. Significando, desta forma, que a contribuição de cada um é de extrema relevância para a melhoria da qualidade do recurso pedagógico validado nesta pesquisa.

A avaliação quantitativa, evidenciou que a HQ “Métodos Contraceptivos: Sou Jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, se constitui um instrumento de conteúdo pertinente e válido no que diz respeito a educação sexual para adolescentes, focando no uso de métodos contraceptivos. Foi atingido um excelente IVC global de 0,90, apresentando valor superior ao mínimo estabelecido no estudo (0,80).

O conceito de validade é abordado como sendo o grau em que um instrumento mostra-se apropriado para mensurar o que supostamente ele deveria medir (POLIT; BECK, 2011).

Quanto a validação de aparência, medida pelo bloco clareza, alcançou isoladamente um nível de concordância de 88,18%, apresentando uma boa avaliação por parte dos juízes em relação a compreensão da HQ. A validação quanto ao conteúdo, medido por meio do bloco da representatividade, atingiu um alto nível de concordância de 93,38%, apresentando, também, um índice acima do parâmetro estabelecido.

Compreende-se por validade de aparência ou de face, o julgamento de um grupo de juízes quanto à clareza dos itens, facilidade de leitura, compreensão e forma de apresentação do instrumento. Trata-se de uma avaliação superficial realizada por aqueles que se utilizarão do instrumento. Por conseguinte, não deve ser usada como

um critério isolado, pois neste tipo de validade não são conferidas propriedades de medida (PASQUALI, 2009).

Já a validação de conteúdo baseia-se, necessariamente, em um julgamento; indicando em que medida o instrumento possui uma amostra apropriada de itens para medir o construto específico e cobrir adequadamente seu domínio (POLIT; BECK, 2011). Ela examina a capacidade dos itens de representar adequadamente todas as dimensões do conteúdo a ser abordado no instrumento.

Para validade de conteúdo é chamado um grupo de juízes ou peritos com experiência na área do conteúdo, ao qual caberá analisar os itens e julgar se eles são abrangentes e representativos, ou, ainda, se o conteúdo de cada item se relaciona com aquilo que se deseja. O pesquisador deve determinar, a priori, o número de validadores e a porcentagem de concordância esperada para se poder decidir sobre o destino de cada item. É também necessário instruir os avaliadores sobre como devem proceder à validação, fornecendo-lhes um formulário próprio para registro de seus julgamentos (CASSIANI, 1987).

Desta forma, a HQ sobre métodos contraceptivos foi considerada válida, podendo ser utilizada como um recurso pedagógico pelos adolescentes, com a intenção de facilitar o processo de aprendizagem, utilizando um recurso de caráter lúdico, no qual intenciona despertar o prazer de ler e encorajar o jovem a se tornar o autor de suas próprias histórias.

A inserção das HQ como um recurso pedagógico vem sendo muito discutida atualmente, pois os quadrinhos aumentam a motivação dos jovens para a leitura, acentuando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. A forte identificação dos estudantes como ícones da cultura de massa, entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos, é também um elemento que reforça a utilização das HQ no processo didático (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Fogaça (2002), reforça a ideia de que as HQ podem ser uma ponte para despertar no aluno o gosto pela leitura, pois abordam assuntos e noções diversificados, possibilitando ao adolescente que faz uso desse instrumento, adquirir novos conhecimentos. Encontra-se, dessa forma, na leitura das histórias em quadrinhos, um instrumento pedagógico eficiente no sentido de despertar o gosto e a necessidade da leitura e do conhecimento.

Um estudo realizado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), mostrou que a utilização de HQ é um poderoso recurso didático/pedagógico por diversos fatores, como estimular o interesse dos estudantes pela leitura, pela praticidade da utilização, e por ser uma nova alternativa de recurso complementar. Além disso, o estudo concluiu que este tipo de recurso pedagógico envolve o aluno, possibilitando que o aprendizado seja diferenciado, o estudante aprende o conteúdo, desenvolve a capacidade criativa, pois a integração entre a realidade e a fantasia é favorecida, fazendo com que haja um “mergulho” dos jovens no contexto da história, e se familiarizando e se apropriando da situação e do conhecimento disponibilizado pelo material (KAWAMOTO; CAMPOS, 2014).

Quando questionados sobre a utilização da HQ, “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, em salas de aula, a maioria dos juízes (n=07) respondeu que utilizaria o material em suas aulas, três não responderam ao questionamento e uma juíza, apesar de julgar o material como válido, afirmou que não o utilizaria em suas aulas.

Apesar de desde muito cedo, as HQ serem objeto de restrição condenadas por muitos pais e professores no mundo inteiro (RAMA; VERGUEIRO, 2014), isso não foi percebido nas respostas dos juízes, provavelmente, por perceberem que a HQ avaliada neste estudo representa um meio de comunicação, cujo conteúdo encontra-se direcionado aos jovens.

Pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQ, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”. Com isso, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos do ambiente escolar. Aos poucos, tais restrições foram enfraquecidas e extinguidas, mas não de forma tranquila, sendo na verdade resultado de uma longa e árdua jornada (RAMA; VERGUEIRO, 2014), um dos juízes também apresentou esta restrição, pois não o utilizaria em sala de aula.

Nas últimas décadas do século XX, com o desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, as HQ ganharam um novo status, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais, sendo aos poucos redescoberta favorecendo a aproximação das HQ com as práticas pedagógicas (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Catunda (2013), revela que além de proporcionar um momento de lazer, tornando as aulas mais prazerosas, as HQ ajudam a estimular a criatividade e imaginação da criança e do adolescente. Nesta perspectiva, Vygotsky (1996) esclarece a ideia de que a imaginação (fantasia) e a criatividade (dar existência) do adolescente, exigem como premissa a liberdade interna do pensamento, da ação, do conhecimento.

Um estudo realizado pela Universidade Federal de Uberlândia, em que objetivou analisar as histórias em quadrinhos inseridas na sala de aula, mostrou que os quadrinhos podem e devem ser utilizados, contribuindo principalmente para a socialização de conhecimento do aluno e servindo de excelente subsídio ao trabalho do professor, aplicando conceitos das mais diversas áreas e assuntos, utilizando a linguagem sequencial para transmitir de uma forma mais dinâmica e criativa, dada pela relação imagem e texto, a proposta a ser trabalhada pelo docente durante as aulas (ARAÚJO, NARDIN, TINOCO, 2010).

Corroborando com este estudo, para Vergueiro e Pigozz (2013) os quadrinhos têm significativa importância pedagógica, por ser um meio facilitador de transmissão de informações. Além disso, possibilitam a construção do sentido e produção de informações de forma singular, pois apresentam uma linguagem diferenciada, com vários mecanismos comunicativos de destacada riqueza que potencializam a comunicação.

Concordando com o que dizem os estudos, observa-se nas falas das juízas M^a Cebolinha e Denise (Médica/sexóloga e Pedagoga, respectivamente) o motivo da HQ ter sido considerada válida e de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem de adolescentes:

Excelente material! Esclarecedor e dinâmico. (M^a CEBOLINHA)

O material está super claro e dinâmico! (DENISE)

Diante disso, pode-se destacar algumas vantagens para a utilização das HQ no processo ensino-aprendizagem: a junção da imagem com o texto torna o processo de aprendizagem mais eficiente; O fato de apresentar diferentes gêneros, possibilita a utilização em diferentes disciplinas escolares; os quadrinhos permitem a criança e ao adolescente a aprender a expressar suas ideias, sentimentos e sensações graficamente; familiariza a criança e o adolescente com a leitura, além de enriquecer o seu vocabulário (GIORA, 2012).

Essa forma de conhecer e aprender, segundo Vygotsky (1996) se dá pelo processo dinamizador do devir, provocando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores para além dos limites dos conceitos e das vivências.

Com relação a ilustração, que é um dos itens avaliado nos dois blocos (clareza e representatividade), atingiu um nível de concordância de 90,91% e 81,82%, respectivamente. Desta forma, foi considerado um item válido.

Segundo Vergueiro e Pigozz (2013), as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação, o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude.

Alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm na linguagem pictórica (comunicação através de imagens), a sua fonte de transmissão. A maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre as duas (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Rama e Vergueiro (2014), confirmam que a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que simples acréscimo de uma linguagem a outra, como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos.

Apesar de ter atingido um índice de confiabilidade acima do padrão, as juízas Dorinha e Denise, Enfermeira e Pedagoga, respectivamente, fizeram algumas observações em relação a ilustração:

Achei o desenho dos jovens com uma expressão de cansaço, era para eles demonstrarem mais entusiasmo. (DORINHA)

Muitos personagens parecem entediados e não interessados. (DENISE)

Portanto considerou-se estas observações pertinentes, tendo em vista, que um elemento muito importante para a caracterização dos personagens e compreensão da mensagem das histórias em quadrinhos são suas expressões corporais e faciais, que muito influenciam a compreensão de seu estado de espírito. As expressões faciais seguem um código universalmente aceito para evidenciar cada estado de ânimo, possibilitando expressar os mais variados sentimentos (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Catunda (2013), enfatiza que a imagem é uma das mais antigas formas de comunicação utilizada pelo homem. Como exemplo, podem ser citadas as pinturas rupestres que o homem primitivo fazia em suas cavernas mostrando uma caçada ou a existência de animais em uma região. Utilizar uma sequência de imagens para contar uma história também é uma forma de comunicação utilizada pelo homem há muito tempo.

Com o aumento populacional, a comunicação por meio de imagens não desapareceu. Mas, com múltiplas mudanças e acordos acontecendo gradativamente entre os povos das mais diversas partes do mundo, a escrita foi adentrando e se aperfeiçoando nas comunidades (REZENDE, 2009).

Nas HQ, assim como nos desenhos das cavernas, as imagens não são aleatórias, muito menos com finalidade exclusiva de entretenimento. Elas comunicam mensagens de grande importância, possibilitando leituras repletas de informações, juntamente com narrativas de variados assuntos, acompanhando a evolução histórica que acontece continuamente. Assim, além de serem um dos primeiros veículos a caminhar para a padronização de conteúdo, também incorporaram a globalização econômica em seus processos de produção (SANTOS; VERGUEIRO, 2012).

Diante do exposto, a importância estética na criação das HQ, além de proporcionar beleza as suas páginas, muitas vezes coloridas e com personagens

expressando ações, gestos e emoções, signos variados, dentre outros, também proporciona vivacidade à leitura. Em face disso, a linguagem não-verbal juntamente com a verbal, completa-se nesse processo, sendo uma preocupação do autor por cada detalhe para que este seja pleno de significado no processo de ler (SILVÉRIO, 2012).

Quanto à ilustração da capa, as juízas M^a Cascuda e Denise, comentaram:

Capa pouco atrativa para o público alvo. (M^a Cascuda)

A capa não é convidativa. (Denise)

A capa, primeira página da história, funciona como uma introdução à narrativa que se seguirá. É uma espécie de indicativo sobre o que será tratado nas páginas seguintes, introduzindo o leitor diretamente no evento e atmosfera da história, fazendo com que ele compreenda os principais elementos nela envolvidos e retomando, eventualmente, elementos de histórias anteriores (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Essa página inicial pode ter apenas um grande quadro que ocupe toda sua extensão, ou um quadro de maiores dimensões seguido por dois outros menores, mas isso poderá variar de acordo com os objetivos do autor (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Com relação ao título, que é o primeiro item dos dois blocos (clareza e representatividade) atingiu um elevado nível de concordância de 90,91% e 100%, respectivamente. Considerando-se, desta forma, um item válido. Apesar disso, M^a Cascuda salientou a ausência do subtítulo na capa da HQ:

O subtítulo da história “Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, não foi localizado. Sugiro acrescentar na capa. (M^o Cascuda)

A sugestão dada pela juíza M^a Cascuda, psicóloga, com 12 anos de experiência profissional na assistência com saúde sexual e reprodutiva de jovens, foi muito pertinente, pois, como refere Silvério (2012), o título e subtítulo contribuem para a compreensão das histórias em relação a linguagem verbal. O primeiro auxilia na antecipação do assunto e, o segundo, complementa o título, explicando-o.

Rama e Vergueiro (2014), concordam que o título e o subtítulo tem que se fazer presente na primeira página, em destaque, e funciona como um atrativo ao leitor. É

mais um elemento que poderá ou não levar ao leitor a optar pela leitura daquela história em quadrinhos. Desta forma, a sugestão da Juíza M^a Cascuda foi acatada.

Figura 10. Página 01. Capa modificada da HQ intitulada: “Métodos Contraceptivos: Sou Jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, Maceió/Al, 2016.



Quanto a estética da fonte, também foram solicitadas algumas sugestões. Duas juízas da área da saúde sugeriram mudança, especificamente, nas páginas 14 e 15, onde acharam o tamanho da fonte pequena para informações de grande relevância, afinal são informações para o uso adequado do preservativo masculino e feminino:

Sugiro aumentar o tamanho da letra, está difícil de ler [...] (MAGALI)

Acrescentar no quadro 07 da página 14: Dar um nó ao retirá-la; no quadro 08: jogar no lixo. E ao final das páginas 14 e 15 acrescentar: Não pode reaproveitar a camisinha. (MÔNICA)

Magali e Mônica, quanto ao tamanho da fonte sugeriram aumentar. Além disso foi feita a sugestão de acrescentar algumas informações, como as frases: “Dar um nó ao retirá-la”, “jogar no lixo”, “não pode reaproveitar a camisinha”. Ambas sugestões foram acatadas, tendo em vista, que a dificuldade da leitura pode proporcionar ao leitor o desinteresse pelo assunto e as informações sugeridas possuem importante relevância para o termino da utilização do preservativo.

Higuchi (2000), diz que o tamanho da letra das HQ expõe características importantes no processo da leitura, como o volume da voz, demonstrando se a fala é sussurrada, gritada ou em tom natural e geralmente é de fôrma, maiúscula e desenhada à mão. Com relação ao tamanho, o autor, ao modificá-la para maior ou menor, indica um tom mais alto, (revela segurança, decisão, vigor, buscar a atenção) ou mais baixo (constituindo timidez, medo ou submissão). Como a intenção é de buscar a atenção do leitor, as modificações sugeridas foram realizadas.

A legenda representa a voz onisciente do narrador da história, sendo utilizada para situar o leitor no tempo e no espaço, indicando mudança de localização dos fatos, avanço ou retorno do fluxo temporal, expressões de sentimento ou percepções dos personagens. A legenda é colocada na parte superior do quadrinho, devendo ser lida em primeiro lugar, precedendo a fala dos personagens. Outro destaque dos quadrinhos são as onomatopeias, signos convencionais que retratam um som por meio de caracteres alfabéticos. Elas variam de um país a outro de acordo com o idioma (SANTOS; GANZAROLLI, 2011; RAMA; VERGUEIRO, 2014).

O excesso de texto também foi citado pela Juíza M^a Cascuda. Ela relata ter exagero de falas em algumas páginas e ter encontrado dificuldade na leitura dos balões na ordem correta das conversas.

Figura 11. Página 07. da HQ intitulada: “Métodos Contraceptivos: Sou Jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, Maceió/Al, 2016



Como característica única dos quadrinhos, o balão representa uma densa fonte de informações, que começam a ser transmitidas ao leitor antes mesmo que este leia o texto, ou seja, pela própria existência do balão e sua posição no quadrinho (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

A presença do balão ligado por um prolongamento chamado rabicho, apontando um personagem, é um alerta ao leitor, passando-lhe a mensagem de que alguém está falando. Como mais de um personagem pode “falar” em um mesmo quadrinho, o balão também funciona, pela sua disposição, como um indicador da ordem dos falantes, acompanhando a direção linear pela qual se lê. Isso significa que, balões colocados na parte superior esquerda do quadrinho devem ser lidos antes daqueles colocados à direita e abaixo (RAMA; VERGUEIRO, 2014; LANIUS, 2014).

Faz parte, ainda, da linguagem em quadrinhos, o continente do balão, ou seja, a linha que o delimita. Ela também tem vários significados e conversa com o leitor de várias formas, por exemplo, o balão com a linha tracejada passa a ideia de que o personagem está falando em tom de voz mais baixo; em formato de nuvem, com o rabicho elaborado como bolhas, significa que as palavras que nele estão contidas são

pensantes e não pronunciadas; levando para fora do quadrinho indica que a voz está sendo emitida por alguém que não aparece na ilustração. Um balão com múltiplos rabichos representa que vários personagens estão falando ao mesmo tempo (RAMA; VERGUEIRO, 2014)

Figura 12. Página 19. da HQ intitulada: “Métodos Contraceptivos: Sou Jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, Maceió/Al, 2016



Um outro ponto discutido, foi o vocabulário, apresentando-se como um dos itens considerados válidos nos dois blocos (clareza e representatividade), com índice de concordância de 81,82% e 90,91%, respectivamente. Apesar disso, a juíza Denise, pedagoga há 13 anos, sugeriu a utilização de linguagem menos técnica, abrindo espaço para maior utilização de gírias:

Usar linguagem menos técnica, sugiro incluir algumas gírias. (Denise)

A partir desta sugestão, será realizada uma revisão geral com o propósito de melhorar e estreitar a comunicação entre o recurso pedagógico e o leitor, visto que, segundo Rama e Vergueiro (2014), as HQ devem ser escritas em linguagem de fácil entendimento, com expressões que fazem parte do cotidiano dos leitores.

Esta revisão será feita, a pedido de uma das juízas, porém, de forma cautelosa, levando em consideração os resultados de um estudo realizado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que identificou que de forma geral, são poucas as gírias usadas nas atuais HQ. Os autores estão buscando nacionalizar, ou

mesmo globalizar, suas histórias para que caiam no gosto da sociedade como um todo, independentemente da cultura do leitor. Eles procuram torná-las parte do cotidiano de qualquer cidadão, para que o leitor se sinta familiarizado com a história. Ao valorizarem a gíria na HQ, os autores utilizam palavras já usadas por alunos dentro da sala de aula, ou mesmo valorizados pela mídia, conhecida como gíria comum, e permitem o acesso infanto-juvenil (RASLAM; ISABELLE; MEDEIROS, 2012).

Preti (1984), considera que a compreensão da palavra gíria está em dois níveis: a “gíria de grupo” e a “gíria comum”. A primeira caracteriza-se como uma linguagem de identificação e de defesa, que busca a comunicação e, ao mesmo tempo, a preservação de um grupo. Em 2000, o mesmo autor, definiu como um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade (PRETI, 2000).

O autor completa que o momento em que alguma gíria deixa de ser específica de um grupo, devido à alta frequência no uso ou pela propagação pelos meios de massa, passa a ser considerada como gíria comum (PRETI, 2000).

Acerca da expressividade da gíria, Preti (2000) diz que a sua utilização conduz a um espírito de irreverência, de intimidade, de aproximação maior entre os interlocutores, o que vem a facilitar certas situações de comunicação. Trata-se de uma forma de aliviar a tensão conversacional e atender a nossos interesses interacionais.

Diante disso, a gíria é uma variável muito conhecida, valorizada e muito usada pela maioria de crianças e adolescentes, portanto, se torna uma espécie de senha, que os autores de HQ utilizam para conseguirem acesso a certos grupos e, com isso, atingirem seus leitores. Os autores de HQ devem buscar cativar esse público por meio das vivências do dia a dia e também da língua falada (RASLAM; ISABELLE; MEDEIROS, 2012).

Na tentativa de aproximar a linguagem do recurso pedagógico com a linguagem dos adolescentes, a juíza Carminha Fru Fru, sugeriu trocar os termos “meninas” e “meninos” por “moças” e “rapazes”, usados na página 05, na primeira fala da personagem médica.

Levando em consideração a intenção da juíza, em aproximar os diálogos dos personagens às falas de seus leitores, decidimos utilizar o termo “Jovens”, ao invés

de “moças” e “rapazes”, visto que, os termos sugeridos, não são frequentes no vocabulário dos adolescentes.

Figura 13: Página 05 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Original



Figura Modificada



Quanto ao conteúdo da história, algumas sugestões direcionadas as práticas do uso de métodos contraceptivos por adolescentes, também foram referidas, principalmente pela Juíza Mônica, enfermeira e pesquisadora atuante na área da saúde sexual e reprodutiva há 9 anos. A primeira observação feita por essa juíza, foi em relação ao uso da minipílula e a injeção trimestral por adolescentes antes dos 18 anos:

[...] corrigir antes de 16 anos, por antes de 18 anos. (Mônica)

Essa sugestão foi discutida entre as pesquisadoras e revisada na literatura, onde foi encontrada uma certa controvérsia entre os autores, pois Brasil (2010), confirma a fala da juíza Mônica, referindo que o uso de anticoncepcionais só de progestogênio (injetável trimestral e da pílula só de progesterona- minipílula) devem ser evitados antes dos 18 anos, pelo possível risco de diminuição da calcificação óssea, pois, para mulheres com menos de 18 anos, há

uma preocupação teórica em relação ao efeito hipoestrogênico, especialmente do injetável trimestral.

Freitas et al (2011), coloca que o uso da minipílula por adolescentes possui algumas desvantagens, como o aumento da acne; sangramento irregular; uma meia-vida curta da ação farmacológica, o que exige maior exatidão nos horários de tomada, com variações diárias menores do que 3 horas, levando a ser um método de escolha restrito em adolescentes, já que apresentam maior dificuldade com a rigidez de horários. Mas, apesar disso, o autor deixa claro que é um método indicado para jovens lactantes, não causa aumento de peso e não promove alterações na densidade mineral óssea.

Em relação ao contraceptivo injetável trimestral, o mesmo autor, refere que seu uso em adolescentes é restrito, pois devido ao hipoestrogenismo, ocorre maior reabsorção em relação à formação óssea, resultando em diminuição da densidade mineral óssea (FREITAS et al, 2011).

O American College of Obstetricians and Gynecologists (2008) e a Society for Adolescent Medicine acreditam que as vantagens do seu uso superam as preocupações acerca da densidade mineral óssea, por isso não restringem o início ou a continuação, nem limitam o tempo de uso em adolescentes. Essa opinião também é compartilhada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que orienta avaliar risco e benefício de uso até os 17 anos e não impõe restrições após os 18 anos.

Finotti (2015), menciona que, de maneira geral, todas as mulheres podem utilizar as minipílulas de forma segura e eficaz, inclusive mulheres que estejam amamentando (iniciando após seis semanas do parto) e em qualquer idade (inclusive adolescentes e mulheres acima de 40 anos). Corroborando com esta premissa Brasil (2016), afirma que o uso da minipílula pode ser feito por toda e qualquer mulher, independentemente se adolescente ou adulta.

Desta forma, optou-se por manter a posição de início, ficando a critério médico a orientação a adoção deste método contraceptivo ou não, para cada adolescente, considerando a singularidade de cada uma.

Figura 14: Página 18 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016



Em relação ao termo Planejamento familiar, Mônica sugeriu mudança para o termo Planejamento Reprodutivo, justificando que o termo anterior está em desuso:

[...] é necessário fazer atualização: Planejamento familiar por Planejamento reprodutivo [...] (MÔNICA)

Na literatura foi encontrado que o termo Planejamento Familiar, de fato, está sendo substituído por Planejamento Reprodutivo, visto que, o planejamento pode ser realizado pelo homem e pela mulher, isoladamente, mesmo quando estes não querem instituir uma família. Portanto o assunto já foi e continua sendo bastante discutido, havendo a defesa de que o segundo termo se trata de uma concepção mais abrangente. Pode-se citar como exemplo, o adolescente, o jovem ou o adulto, homem ou mulher, independentemente de ter ou não uma união estável ou de constituir uma família, pode fazer, individualmente ou com o(a) parceiro(a), uma escolha quanto a ter ou não ter filhos (BRASIL, 2010; BRASIL, 2016). A partir dessa perspectiva, a sugestão de Mônica foi considerada bastante pertinente e acatada.

Segundo a juíza Mônica, o termo Doença Sexualmente Transmissível também sofreu mudança, e a mesma sugeriu que esse termo fosse substituído:

[...] doença sexualmente transmissíveis por infecções sexualmente transmissíveis. (MÔNICA)

A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada, em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), em consonância com a utilização internacional empregada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pela Organização Pan- -Americana da Saúde (Opas), pela sociedade científica e por alguns países. Nesse contexto, alerta-se a população sobre a possibilidade de ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas, o que aponta para estratégias de atenção integral, eficaz e resolutiva (BRASIL, 2015).

Outra sugestão dada pela juíza Mônica foi de acrescentar conteúdo em relação aos métodos comportamentais. Ela relata que, na página 23 da história, necessita de uma explicação pelo qual não se deve utilizar um método comportamental sem associá-lo a um outro método contraceptivo. Sugestão essa, extremamente importante, pois segundo Brasil (2010), os métodos comportamentais (tabela, muco cervical, temperatura basal, entre outros) são pouco recomendados para adolescentes, pois a irregularidade menstrual é muito comum nessa fase e, além disso, são métodos que exigem disciplina e planejamento e as relações sexuais nessa fase, em geral, não são planejadas (BRASIL, 2010; FINOTTI, 2015).

Freitas (2011) corrobora com a ideia e afirma que os métodos comportamentais têm elevados índices de falha, ainda maiores em adolescentes, pois dependem de motivação para sua prática consistente. Podem auxiliar na contracepção quando associados entre si e a métodos de barreira, ainda assim não são opções adequadas para esse grupo.

Em relação ao Dispositivo Intrauterino (DIU), que segundo alguns estudos é um dos métodos menos conhecidos pelos adolescentes (ARAÚJO et al., 2015; DUARTE, HOLANDA, MEDEIROS, 2012), Mônica ressalta que a resposta da médica ficou vaga, quando a adolescente questiona quanto a veracidade deste método ser abortivo:

A acrescentar que estudos mais recentes comprovam que o DIU NÃO é um método abortivo [...] E o cobre que tem no DIU é um excelente meio para repelir, afastar os espermatozoides. (Mônica)

Finotti (2015) confirma a fala da juíza dizendo que, de fato, a presença de um corpo estranho e de cobre na cavidade endometrial causa mudanças bioquímicas e morfológicas no endométrio, além de produzir modificações no muco cervical. O cobre é responsável pelo aumento da produção de prostaglandinas e pela inibição de enzimas endometriais. Com isso, estas mudanças afetam adversamente o transporte de espermatozoides, de modo a prevenir a fertilização. Os íons de cobre também têm um efeito direto na motilidade espermática, reduzindo a capacidade de penetração no muco cervical.

Freitas (2011) completa, o DIU age impedindo a fertilização do óvulo pelo espermatozoide e/ou a nidação deste no endométrio. É mais efetivo em adolescentes do que outros métodos contraceptivos reversíveis. Portanto foi decidido acatar a sugestão da juíza.

Figura 15: Página 17 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.

Figura Anterior



Figura Modificada



Além do DIU, o conteúdo explicativo sobre o método da tabelinha também foi questionado. As juízas Mônica e Magali, ambas enfermeiras, sugeriram ampliar a explicação em relação a este método:

Sugiro acrescentar exploração sobre o método da tabelinha. (Magali)

[...]é necessário discorrer um pouco nas ilustrações sobre a irregularidade menstrual, tão comum nos ciclos menstruais das adolescentes e para utilizar a tabelinha deverá, o ciclo menstrual, ser estudado por no mínimo 6 meses e o profissional de saúde deverá fazer o cálculo que o Ministério da Saúde recomenda (Mônica).

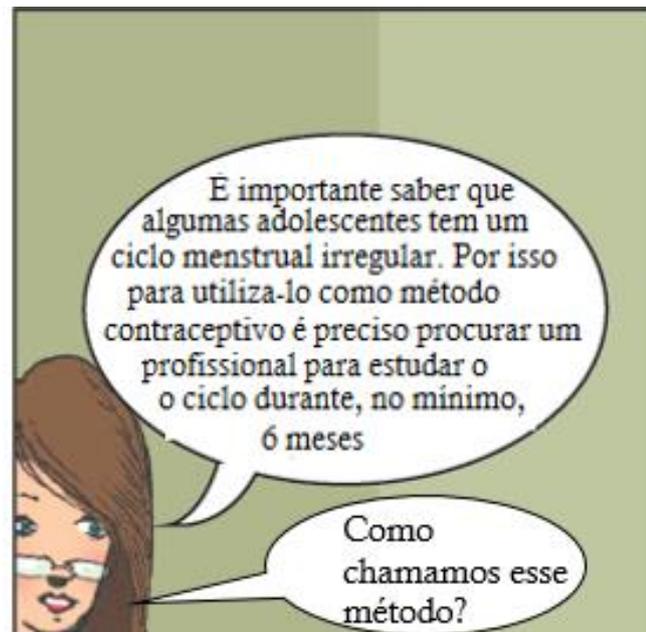
As sugestões dadas pelas juízas foram de grande valia, tendo em vista que, de fato, é um método indicado para mulheres que possuem ciclo menstrual regular (BRASIL, 2010).

Para aquelas que desejam fazer uso deste método, é necessário que antes receba orientação de um profissional para marcar em um calendário, durante pelo menos 6 meses, o primeiro dia de cada menstruação, com o intuito de verificar o número de dias que durou cada ciclo menstrual (POLI, et al., 2009; BRASIL, 2010; FINOTTI, 2015).

Mulheres que tenham o interesse em utilizar este método, principalmente as adolescentes, devem procurar um profissional de saúde e na primeira consulta lhe será explicado detalhadamente a técnica de uso, orientação para fazer o cálculo de

sua tabela, sempre no mínimo com os seis ciclos mais recentes, alertada para o fato de que cada adolescente tem um padrão menstrual próprio e que os cálculos devem ser individualizados, portanto, a tabela de uma jovem não serve para outra; orientação sobre os fatores que possam alterar o ciclo menstrual: doenças, estresse, depressão, mudança de ritmo de trabalho, entre outros (BRASIL, 2010; BRASIL, 2016). Portanto, é de extrema importância que fique claro no diálogo da história a necessidade da adolescente procurar um profissional de saúde para se informar melhor a respeito deste método, caso tenha interesse em utilizá-lo.

Figura 16: Página 11 da HQ intitulada: Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida! Maceió, 2016.



Com relação ao método de implante hormonal, a Juíza Mônica sugere acrescentar a informação de que este tipo de método deve ser usado com restrições na adolescência.

Sua sugestão se torna válida, visto que, Freitas (2011) relata que ainda não existem estudos conclusivos sobre o uso deste método por adolescentes. O que se sabe é que apresenta, para essa faixa etária, vantagens como facilidade de uso, alta eficácia, discrição e independência do ato sexual e da colaboração do parceiro. Entretanto, assim como outros métodos, possui efeitos negativos,

entre eles estão o custo inicial alto e os efeitos colaterais inerentes aos progestágenos, como acne e sangramento irregular, sendo esta última a maior causa de descontinuação do método entre adolescentes.

Por fim, a juíza sugere evidenciar a participação da enfermeira na atividade educativa que se passa durante a história:

Acho importante dar mais ênfase na participação da enfermeira nas explicações e na palestra como um todo [...] (MÔNICA)

Sugestão considerada de grande relevância, visto que, o enfermeiro(a) encontra-se dentre os profissionais que desempenham um importante e necessário papel nas relações entre seres humanos, sociedade, pesquisa, saúde e educação. Uma de suas funções se dá por promover a formação do conhecimento em saúde individual e coletiva, de acordo com a realidade de cada pessoa e grupo social, oportunizando assim a promoção da saúde sob o foco de atitudes (COSTA, FIGUEREDO, RIBEIRO, 2013).

Ribeiro et al. (2016), apontam que o enfermeiro possui um papel essencial no desenvolvimento de habilidades preventivas e educativas direcionadas aos adolescentes, com a facilidade de estabelecer estratégias que visam à prevenção da gravidez na adolescência e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Além disso, o enfermeiro(a) pode atuar de forma significativa na promoção da saúde de adolescentes, uma vez que advém de conhecimentos capazes de serem utilizados na realização de busca ativa e identificação dos problemas enfrentados, corroborando para métodos de intervenção eficazes pautados por meio de ações educativas e utilização de recursos pedagógicos para prevenção à gravidez precoce e a utilização de métodos contraceptivos (RIBEIRO et al., 2016).

Desta forma, nota-se que dentre os desafios que o enfermeiro enquanto educador em saúde enfrenta para a redução das taxas de gravidez e IST/AIDS entre os adolescentes, tem-se o empoderamento desses sujeitos ao comportamento sexual seguro.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos os aspectos analisados nesta pesquisa, evidenciou-se que a História em Quadrinhos intitulada “Métodos Contraceptivos: Sou Jovem e ainda não quero gerar uma vida!”, se constitui um recurso pedagógico válido para ser utilizado com adolescentes.

O recurso pedagógico foi desenvolvido, em formato de HQ, com a intenção de apresentar uma proposta de utilização de objeto de aprendizagem, capaz de colaborar para o processo de ensino-aprendizagem de adolescentes a respeito do uso de métodos contraceptivos, contribuindo para um processo decisório, autônomo e centrado em seus interesses.

Diante da avaliação realizada pelos juízes, o recurso pedagógico foi validado quanto a aparência e conteúdo, segundo os blocos: clareza e representatividade, nos quais foram obtidos excelentes níveis de concordância, onde as respostas variaram entre claro ou muito claro e representativo ou extremamente representativo. Além disso, alguns itens atingiram o nível máximo de concordância de 100%, como aconteceu no item de diálogo, no bloco clareza, e nos itens: título, tema, qualidade do conteúdo e contribuição da história, segundo a representatividade. Nenhum item recebeu valor inferior ao mínimo estabelecido pelo estudo (0,80). Sendo assim, considerado um material de grande relevância para ser empregado com adolescentes, a fim de entreter e informar conteúdos de modo sutil.

Entretanto, nas considerações dos juízes, foi identificado que alguns aspectos do material necessitam ser revisados e readequados, principalmente quanto a ilustração gráfica, linguagem verbal e conteúdo. Assim, tendo em vista as observações e contribuições oriundas do processo de validação, algumas figuras e textos passarão por modificações a fim de torná-lo mais apropriado, mesmo o IVC tendo demonstrado que o recurso pedagógico é válido e, portanto, apto a ser aplicado aos adolescentes.

Evidenciou-se, assim, que o processo de validação não foi um procedimento fácil, pois necessitou de conhecimento e análise minuciosa dos especialistas na área, no entanto percebeu-se que foi indispensável para a qualificação do material, pois conferiu ao mesmo, maior credibilidade a fim de que possa ser utilizado por

profissionais da saúde, professores e, até mesmo, pelos pais, como um recurso pedagógico que visa à promoção da saúde de adolescentes.

Contudo o presente estudo significou a importância do desenvolvimento de recursos pedagógicos, que possam ser aplicáveis no processo de ensino-aprendizagem aperfeiçoando e possibilitando a construção do conhecimento de forma interativa, facilitando a transmissão deste conhecimento por meio de mensagens gráficas e visuais.

Além disso, proporcionou um instrumento que facilita o desenvolvimento da função do enfermeiro como educador em saúde, que necessita utilizar a comunicação verbal e escrita para o processo de cuidar, na perspectiva de alcançar a excelência do processo educativo em saúde.

Nesse sentido, torna-se relevante a contribuição deste estudo no contexto da educação em saúde e o papel desse recurso para se promover saúde, desenvolver habilidades e favorecer a autonomia e confiança do adolescente. Além disso é uma forma de fortalecer a prática educativa da enfermagem e, assim, minimizar os desafios enfrentados por não ter acesso aos avanços exigidos no processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, G. F. et al. Educação popular trabalhada em oficinas de saúde: a sexualidade durante o adolescer. **Revista de Educação Popular**, v. 13, n. 1, p. 75-81, 2014.
- ALEXANDRE, N. M. C.; COLUCI, M. Z. O. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n.7 p. 3061-3068, 2011.
- ALMEIDA, J. N.; PEREIRA, A. L. História Em Quadrinhos (HQ) e Ensino de História: Os Usos Das HQs Enquanto Recurso Didático. CONEDU- Congresso Nacional de Educação, 2014.
- ARAÚJO, G. C.; NARDIN, H. O.; TINOCO, E. F. Criação e técnica: as Histórias em Quadrinhos como recurso metodológico para o ensino de arte. **Revista IDEA**, v.1, n.2, 2010.
- ARAÚJO, M. S.; COSTA, L. O. Comportamento sexual e contracepção de emergência entre adolescentes de escolas públicas de Pernambuco, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.25, n.3, p. 551-562, 2009.
- ARAÚJO, R. L. D. et al. Gravidez Na adolescência: consequências voltadas para a mulher. *INTESA*, Pombal – PB, *Brasil*, n.9. v.1, p.15-22, 2015.
- BARRETO et al. IST na Adolescência: Percepção de Gestantes à Luz do Círculo de Cultura de Paulo Freire. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30 Jan/Jun. 2016.
- BARROS, J. P. P.; COLAÇO, V. F. R. “Meu prazer agora é risco”: sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde. **Rev. Psicol.** v. 25, n. 1, p. 59-80, Jan./Abr. 2013.
- BEHAR, P. A; TORREZZAN, C. A. W. Metas do design pedagógico: um olhar na construção de materiais educacionais digitais. **RBIE**. v.17 n.3, 2009.
- BENCINI, R. Todas as leituras. **Revista Nova Escola**. Fundação Victor Civita, Abril, São Paulo, agosto de 2006.
- BERARDINE, L. M.; et al. Tecnologia educacional como estratégia de empoderamento de pessoas com enfermidades crônicas. **Rev Enferm UERJ**. v. 22, n.5, p.603-9, 2014.
- BESERRA, E. P. et al. Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: uma pesquisa documental. *IST – J Bras Doenças Sex Transm*, Niterói, v.20, n.1, p.32-35, 2008.
- BRASIL. Lei nº. 8069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília; 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres / Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília : Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção À Saúde. Departamento De Atenção Básica. Passo A passo PSE. Programa Saúde na Escola: Tecendo caminhos da intersectorialidades/ Ministério da Saúde. Secretaria De Atenção À Saúde. Departamento De Atenção Básica, Ministério Da Educação. Brasília: Ministério Da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015.

BRETA, J. R. S. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciênc Saúde Coletiva**. v.16, n.7, p.3221-8, 2011.

CABELLO, K. S. A.; ROCQUE, L.; SOUSA, I. C. F. Uma história em quadrinhos para o ensino e divulgação da hanseníase. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 9, n. 1, p. 225-241, 2010.

CARVALHO, C. S. et al. Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p.69 – 88, 2012.

CASSIANI, S. H. B. A coleta de dados nas pesquisas em enfermagem: estratégia, validade e confiabilidade [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): USP/EERP/ Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 1987.

CATUNDA, M. A. D. As histórias em quadrinhos no incentivo à leitura nas crianças: a realidade em algumas escolas de Fortaleza. **Rev Entre palavras**, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 348-357, jan/jul 2013.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2009.

CHOFAKIAN, C.B.N. et al. Conhecimento sobre anticoncepção de emergência entre adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas. **Cad. Saúde Pública**, v.30, n.7, p.1525-36, 2014.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, v.1.1995.

CONTANDRIOPOULOS, A. P. et al. Saber preparar uma pesquisa. São Paulo: hucitec, 1997.

COSCRATO, G.; BUENO, S. M. V. Concepção de enfermeiros de uma rede pública de saúde sobre Educação para a Saúde. **Rev Esc Enferm USP**; v. 47, n.3, p.714-21, 2013.

COSTA, G. M.; FIGUEREDO, R. C.; RIBEIRO, M. S. A importância do Enfermeiro junto ao PSE nas ações de Educação em Saúde em uma Escola Municipal de Gurupi, TO. **Revista Científica do ITPAC.**, v.6, n.2, s/p, 2013.

CRUZ, F. O. A. M. et al. Validação de manual educativo para pacientes com câncer de cabeça e pescoço submetidos à radioterapia. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**; v.24, n.27. p.01-09, 2016.

DIAS, A. C. O Adolescente e a saúde. p. 55-72. IN: PAVÃO, S. (org). **Saúde no contexto interdisciplinar: por uma relação dialógica com crianças, adolescentes e adultos.** Série Saúde, v. 3, Santa Maria: UNIFRA, 100 p., 2006.

DODT, R. C. M.; XIMENES, L. B.; ORIÁ, M. O.B. Validação de álbum seriado para promoção do aleitamento materno. **Acta Paul Enferm.** v. 25, n. 2, p. 225-30, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000200011>.

DOMINGOS, A.C. Gravidez na adolescência: enfrentamento na estratégia de saúde da família. Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família. Universidade Federal de Minas Gerais, Uberaba [trabalho de conclusão de curso] Belo Horizonte - MG 2010. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0299.pdf>

DUARTE, C. F.; HOLANDA, L. B.; MEDEIROS, M. L. Avaliação de conhecimento contraceptivo entre adolescentes grávidas em uma unidade básica de saúde do Distrito Federal. **J Health Sci Inst.**;v. 30, n.2, p.140-3, 2012.

ERIKSON, E. **Infância e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, M. V. L. Indicadores de avaliação de práticas de controle e prevenção de infecção do trato urinário associado a cateter: construção e validação [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo; 2005.

FERREIRA, M. M. S. R.; TORGAL, M. C. L. F. P. R. Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses. **Rev Esc Enferm USP**, v.45, n.3, p.589-95, 2011.

FINOTTI, M. Manual de anticoncepção / Marta Finotti. -- São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2015.

FISCARELLI, R. B. de O. Material didático: discursos e saberes. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008.

FOGAÇA, A. G. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes. **Rev. PEC**, Curitiba, v.3, n.1, p. 121-131, jul.2002.

FREITAS, A. A. S.; CABRAL, I. E. O cuidado à pessoa traqueostomizada. **Esc Anna Nery Rev Enferm.**, v.12 n.1, p. 84–89, 2008.

FREITAS, et al. Rotinas em ginecologia. 6. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREITAS, L. V. **Construção e validação de hipermídia educacional em exame físico no pré-natal.** 116 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Farmácia, odontologia e enfermagem Programa de Pós-graduação em enfermagem, Universidade do Ceará. Fortaleza 2010.

GARBIN, C. A. S. et al. Percepção de adolescentes em relação a doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. **J Bras Doenças Sex Transm.**, Niterói, v.22, n.2, p.60-63, 2010.

GIORA, R. C. F. A. **Quadrinhos na escola.** In: V World Congress on Communication and Arts - 2012 WCCA April 15 - 18, Portugal, 2012.

GONÇALVES, H. et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Rev. bras. epidemiol.**, v.18,. n. 1, p. 1-18, 2015.

GROENSTEEN, Thierry. História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

GURGEL, M. G. I. et al. Desenvolvimento de habilidades: estratégia de promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência. **Rev. gaúch. enferm.** v.31 n.4 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n4/a05v31n4.pdf>

HARTMANN, J. M.; CESAR, J.A. Conhecimento de preservativo masculino entre adolescentes: estudo de base populacional no semiárido nordestino, Brasil. **Cad saúde pública.**, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v29n11/16.pdf>

HAYNES, S. N.; RICHARD, D. C. S.; KUBANY, E. S. Content validity in psychological assessment: a functional approach to concepts and methods. **Psychol**, v.7, n.3, p.238-247, 1995.

HEIMANN, C., et al. A construção do conhecimento da enfermagem baseada no método construtivista. **Rev. esc. enferm. USP**, vol.47, n.4, p.997-1000, Ago. 2013.

HIGUCHI, K. K. Super-Homem, Mônica & Cia. In: Aprender e ensinar com textos não escolares. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HULLEY, S.B.; CUMMINGS, S.R.; BROWNER, W. S.; GRADY, D. G. Delineando a Pesquisa Clínica. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

KAMEL, C. R. L. **Ciências e quadrinhos: explorando as potencialidades das histórias como materiais instrucionais.** Diss. Instituto Oswaldo Cruz, 2006.

KAWAMOTO, E. M; CAMPOS, L. M. L. Histórias em Quadrinhos como recurso didático para o ensino do corpo humano em anos iniciais do ensino fundamental. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 20, n. 1, p. 147-158, 2014.

KEMPFER, S. S. et al. Contracepção na adolescência: uma questão de autocuidado. **Rev. pesqui cuid fundam (online)**. v.4, n.3, p.2702-2711, 2012. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1867/pdf>

LACERDA, T. T. B. et al. Validade de conteúdo de questionários. **Rev. Ter. Ocup. Univ.** São Paulo, v. 18, n. 2, p. 63-77, maio/ago., 2007.

LANIUS, M. A. D. **Histórias em Quadrinhos: um estudo sobre seus leitores**. 96 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, curso de biblioteconomia, Porto Alegre, 2014.

LIMA, C. D. S.; COSTA, I. C. C. Iniciação Sexual e Fatores Associados: um estudo com adolescentes escolares. [Dissertação], Natal, RN, 2014.

LISBÔA, E. S; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. Desenho em quadrinhos online: vantagens e possibilidades de utilização em contexto educativo. *Revista Paidéi@*, Santos, v.2, n.1, 2009.

LUYTEN, S. M. B. (org.). *História em Quadrinhos – Leitura Crítica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

LYNN, M. R. Determination and quantification of content validity. **Nurs Res.** v.35, n. 6, p. 382-5. Nov-Dez. 1986.

MALTA, D. C. et al. Saúde Sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional De Saúde Dos Escolares. **Rev. bras. epidemiol.**, v.14, n.1, 2011.

MANO, S. M. F.; GOUVEIA, F. C.; SCHALL, V. T. "Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias": jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 15, n. 3, 2009.

MARTINS, C. B. G; et al. As questões de Gênero quando a sexualidade dos adolescentes. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 98-104. Jan/mar, 2012.

MARTINS, L. B. M. et al. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Rev saúde pública**. São Paulo. v.40 n.1, 2006. **jan/fev**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n1/27116.pdf>

MEDEIROS, R. D. et al. Impacto da inserção da temática saúde sexual e reprodutiva na graduação de Medicina. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet. [online]**. v.36, n.3, p. 107-112, 2014.

MENDONÇA, R. C. M.; ARAÚJO, T. M. E. Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí. **Esc Anna Nery**

Rev Enferm. Rio de Janeiro, v.13, n.4, p.863-71, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n4/v13n4a24.pdf>

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. Esc. Enferm.** 2010.

MONTEIRO, G. T. R.; HORA, H. R. M. **Pesquisa em saúde pública: como desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados.** Curitiba: Appris, 2014.

MORAES, S. P.; VITALLE, M. S. S. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Rev. Assoc Med Bras**, São Carlos do Pinhal, v. 58, n.1, p.48-52, 2012.

NORWOOD, S. L. **Research strategies for advanced practice nurses.** Prentice Hall, 2000.

NUNES, J. S.; GONÇALVES, L. M. **O incentivo à leitura por meio das Histórias em Quadrinhos e tiras de jornal.** 2010.

OLIVEIRA, M. E. de; STOLTZ, T. **Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky.** Educar, Curitiba, Editora UFPR. n. 36, p. 77-93, 2010.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 2001. 112p.

OLIVEIRA, M. S. Autocuidado da mulher na reabilitação da mastectomia: estudo de validação de aparência e de conteúdo de uma tecnologia educativa [dissertação]. Fortaleza: Universidade Federal de Fortaleza; 2006.

OLIVEIRA, M. S; FERNANDES, A. F. C; SAWADA, N. O. Manual educativo para o autocuidado da mulher mastectomizada: um estudo de validação. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 115-23, 2008.

OLIVEIRA, T.C.; CARVALHO, L. P.; SILVA, M. A. O Enfermeiro na Atenção à Saúde Sexual e Reprodutiva dos Adolescentes. **Rev Bras Enferm**, Brasília 2008 maio-jun; 61(3): 306-11.

ORGANIZAÇÃO DA NAÇÕES UNIDAS (ONU). Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Divisão de informações e relações externas. Situação da população Mundial 2013. **Maternidade precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência.** ONU, 2013.

ORIÁ, M. O. **Tradução, adaptação e validação da Breastfeeding Self-Efficacy Scale: aplicação em gestantes** 188 f. Tese (doutorado). Departamento de Enfermagem. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

OVIEDO, H.; CAMPO-ARIAS, A. Aproximación al uso del coeficiente alfa de Cronbach. **Revista Colombiana de Psiquiatría**, vol. XXXIV. No. 4. 2005.

PAIS, L. C. Uma análise do significado da utilização de recursos didáticos no ensino da geometria. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambú. Anais. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1919t.PDF>

PASQUALI, L. Psicometria. **Rev Esc Enferm USP**. V. 43, n. especial, p. 9-992. 2009. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp/

PINTO, M. B. et al. Educação em Saúde para Adolescentes de uma Escola Municipal: A Sexualidade em Questão. **Cienc Cuid Saude**; v. 12, n.3, p.587-592, 2013 Jul/Set.

POLI, M. E. H. et al. Manual de anticoncepção da FEBRASGO. FEMINA | Setembro, v. 37, n. 9, 2009.

POLIT, D. F; BECK, C. T; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.

PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: _____ (org.). Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas, p. 241-257, 2000.

PRETI, D. A gíria: um signo de agressão e defesa na sociedade. In A gíria e outros temas. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, p. 1-9, 1984.

RABELLO, E.T.; PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. s/d Disponível em: <http://www.josesilveira.com>.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.) **Como usar Histórias em Quadrinhos na sala de aula**. 4 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2014.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RASLAM; E. M. S.; ISABELLE, F.; MEDEIROS, P. Cultura nas HQS: Linguagem Através das Gírias. **Revista Olhares e Trilhas**, v.15, n. 16, p.1518-2851, 2012.

RAYMUNDO, V. P. Construção e validação de instrumentos: um desafio para a psicolinguística. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 86-93, jul./set. 2009.

REIS, M. L. I. **Cognição: Piaget e Vygotsky**. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de mestrado em engenharia de produção. Disciplina - ergonomia cognitiva. Florianópolis, junho/2001.

REZENDE, L. A. Leitura e Formação de Leitores: Vivências Teórico Práticas. Londrina: Eduel, 2009.

RIBEIRO, V. C. S. Papel do Enfermeiro da Estratégia de Saúde da Família na Prevenção da Gravidez na Adolescência. **R. Enferm. Cent. O. Min.**; v. 1, n.6, p.1957-1975, 2016.

ROCHA, C. L. A. et al. Use of contraceptive methods by sexually active teenagers in Pelotas, Rio Grande do Sul State, Brazil. **Cad saúde pública.**; v. 23, n.12, p.2862-8, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n12/06.pdf>

SALMOND, S. W. Orthopedic nursing research priorities: Delphi study. *Ortop Nurs.* v. 13, n.2, p.31-45, 1994.

SANTOS, D. A. S. et. al. Vivência da entrevista fenomenológica com adolescentes grávidas: relato de experiência. **Rev. augustus**, Rio de Janeiro, v.19, n.38, p.29-35, 2014.

SANTOS, E. C. et al. Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.15, n.1, p.73-85, 2010.

SANTOS, M. O.; GANZAROLLI, M. E. Histórias em Quadrinhos: formando leitores **TransInformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 63-75, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/480>

SANTOS, R.L.; VERGUEIRO, W. Histórias em Quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012.

SEHNEM, G. D. et al. Conhecimentos e práticas de mulheres acerca da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. **Rev Enferm UFPE on-line.**, Recife, v.8, n.10, p.3.275-3.281, out. 2014.

SILVA et al. Porque Elas Não Usam?: Um Estudo Sobre a Não Adesão das Adolescentes ao Preservativo e suas Repercussões. **Rev Saúde em Redes.** v.1, n.4, p.75-83, 2015.

SILVA, C. P. R. Indicadores para avaliação de programas de controle de infecção hospitalar: construção e validação [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo; 2005.

SILVÉRIO, L. B. R. Histórias em Quadrinhos – Gênero Literário e Material Pedagógico – Maurício de Sousa em Foco. [dissertação]. Londrina, PR, 2012.

SOUSA, C. S.; TURRINI, R. N. T. Validação de constructo de tecnologia educativa para pacientes mediante aplicação da técnica Delphi. **Acta Paul Enferm.** v.25, n.6, p. 990-6, 2012.

SOUSA, M. C.; GOMES, K. R. Conhecimento objetivo e percebido sobre contraceptivos hormonais orais entre adolescentes com antecedentes gestacionais. **Cad Saude Publica**, 2011.

SPINDOLA, T.; SIQUEIRA, N. S. B.; CAVALCANTI, R. L. As gestantes adolescentes e os métodos contraceptivos. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, América do Norte, v. 4, n.1, p. 2636-2646, jan 2012.

THOFEHRN, M. B.; LEOPARDI, M. T. Construtivismo sócio-histórico de Vygostky e a enfermagem. **Rev bras enferm**, v. 59, n. 5, p. 694-98, 2006.

THOFEHRN, M. B.; LEOPARDI, M. T.; AMESTOY, S.C. Construtivismo: experiência metodológica em pesquisa na enfermagem. **Acta Paul. Enfermagem**, São Paulo, v. 21. n. 2, p. 316-321, 2008.

TIBÚRCIO, M. P. et al. Validação de instrumento para avaliação da habilidade de mensuração da pressão arterial. **Rev Bras Enferm**. V. 67, n.4, p. 581-7, 2014.

TRINDADE, R. F. C, FELICIANO, C.B. Gênero e Reprodução: um estudo sobre maternidade, paternidade na cidade de Maceió Al. Relatório de pesquisa. CNPQ. (Resultados preliminares. Cópia).2012. USP, São Paulo, 2012.

VALLE, L. E. L.R.; MATTOS, M. J. V. M. **Adolescência: as contradições da idade**. Rio de Janeiro, 2ª ed. Wak editora, 2010.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, W.; PIGOZZ, D. Histórias em Quadrinhos como suporte pedagógico. **Comunicação & educação**. Ano XVIII, número 1, jan/jun 2013.

VIEIRA, L. M. et al. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Rev bras saúde matern infant.**, v.6, n.1, p.135-40, 2006.

VYGOTSKI, L. S. Paidologia del adolescente. In: Obras Escogidas–Vol. IV: Psicología infantil. Madrid: Visor, 1928-1931/1996, p. 10-248.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WERLANG, R. B.; SCHEINDER, R. S.; SILVEIRA, F. L. Uma experiência de ensino de física de fluidos com o uso de novas tecnologias no contexto de uma escola técnica. **Rev. Bras. Ens. Física**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 1503.1-1503.9, 2008.

WHO, World Health Organization. **Young People’s Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All**. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

XIMENES NETO, F.et al. Gravidez na adolescência: motivos e percepções das adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, v. 60, n.3, p. 279-285, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE I – CARTA CONVITE PARA OS JUÍZES**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA – ESENFAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (MESTRADO)****CARTA-CONVITE**

Prezado senhora,

O Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas sente-se honrado em convidar V.Sa. a participar na condição de juiz do projeto de mestrado intitulado “**Validação de um material educativo sobre métodos contraceptivos para adolescentes**”, de autoria de Thayse Gomes de Almeida, orientação da Prof.^a Dra. Eveline Lucena Vasconcelos e co-orientação da Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade. Trata-se de um estudo metodológico que se debruçará sobre o conteúdo de uma história em quadrinhos, em que será utilizado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC), com o objetivo de caracterizar o instrumento como uma estratégia educacional válida.

Atenciosamente,

Maceió, ____ de fevereiro de 2016.

Thayse Gomes de Almeida
Pós-graduanda
ESENFAR/ UFAL

Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade
Orientadora
ESENFAR/ UFAL

APÊNDICE II- INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA - ESENFAR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (MESTRADO)

QUESTIONÁRIO

Juiz (a): _____
data: _____

Profissão: _____
Idade: _____

Titulação:
Graduação () Especialização () Residência () Mestrado () Doutorado () Pós -
doutorado ()

Atuação profissional:
Assistência () Pesquisa () Ensino () Outros ()
especificar: _____

Tem experiência profissional relacionada à educação sexual ou educação em saúde? Há quanto tempo?

Já teve alguma experiência anterior com o processo de construção e/ou validação de material educativo?

Você está recebendo o material educativo intitulado “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!” que faz parte da série Sexualidade e Educação, para atuar como juiz e avaliá-lo. Sugerimos a leitura e análise em geral do conteúdo do volume que está recebendo. Em seguida, leia as perguntas contidas na escala abaixo e indique seu grau de concordância ou discordância com declarações relativas à atitude que está sendo medida. Atribuímos valores numéricos para refletir a força e a direção de sua reação à declaração da afirmação.

Ao avaliar o material educativo da série Sexualidade e Educação para estudantes da educação básica, elaborado no formato de História em Quadrinhos, as

declarações de concordância devem receber valores positivos ou altos, enquanto as declarações das quais discordam devem receber valores negativos ou baixos.

Sendo assim, para avaliar **CLAREZA**, as respostas incluem:

1 = não claro 2 = pouco claro 3 = claro 4 = muito claro

Para avaliar a **PERTINÊNCIA OU REPRESENTATIVIDADE**, as respostas incluem:

1 = irrelevante não representativo, 2 = item necessita de revisão para ser representativo

3 = item relevante ou representativo e 4 = extremamente representativo.

Destaque a resposta que mais se adéqua a sua avaliação.

<u>CLAREZA</u>						Valores
1 = não claro 2 = pouco claro 3 = claro 4 = muito claro						
COMO VOCÊ AVALIA ...						
1.	O título da história em quadrinhos?	1	2	3	4	
2.	A apresentação da história em quadrinhos identificada na pág. 04?	1	2	3	4	
3.	O objetivo da história em quadrinhos descrito na apresentação?	1	2	3	4	
4.	A relação entre as partes do texto da história em quadrinhos?	1	2	3	4	
5.	A qualidade de redação e organização do texto em relação à concisão/ objetividade?	1	2	3	4	
6.	A qualidade de redação e organização do texto em relação à estrutura textual?	1	2	3	4	
7.	As ilustrações utilizadas na história em quadrinhos?	1	2	3	4	
8.	Os diálogos dos personagens?	1	2	3	4	
9.	A harmonia da distribuição das ideias contidas nos parágrafos?	1	2	3	4	
10.	As frases utilizadas e o vocabulário, considerando o público alvo (estudantes do ensino básico)?	1	2	3	4	
<u>PERTINÊNCIA OU REPRESENTATIVIDADE</u>						
1 = irrelevante não representativo						
2 = item necessita de revisão para ser representativo,						
3 = item relevante ou representativo						
4 = extremamente representativo.						
COMO VOCÊ CONSIDERA...						
1.	Em relação ao título da história?	1	2	3	4	
2.	Em relação ao tema da história em quadrinhos?	1	2	3	4	
3.	Em relação à originalidade da história em quadrinhos?	1	2	3	4	
4.	Em relação à consistência do conteúdo da história para o acesso dos estudantes ao conhecimento sobre sexualidade?	1	2	3	4	
5.	Em relação à qualidade do conteúdo?	1	2	3	4	
6.	Em relação à contribuição da história à aplicação de conhecimentos para a educação básica?	1	2	3	4	
7.	Em relação ao design pedagógico?	1	2	3	4	
8.	Em relação à qualidade das ilustrações?	1	2	3	4	
9.	Em relação aos diálogos dos personagens?	1	2	3	4	

10. Em relação à compreensão da mensagem que se pretende transmitir? 1 2 3 4

11. Em relação às frases utilizadas e o vocabulário com base no público alvo (estudantes do ensino básico)?

1 2 3 4

ESPAÇO LIVRE

12. Você gostaria de mudar alguma coisa na história em quadrinhos? Descreva suas sugestões:

13. Você gostaria de acrescentar algum conteúdo na história em quadrinhos? Descreva suas sugestões:

14. Você gostaria de excluir algum conteúdo na história em quadrinhos? Descreva suas sugestões:

Questionário para os Professores

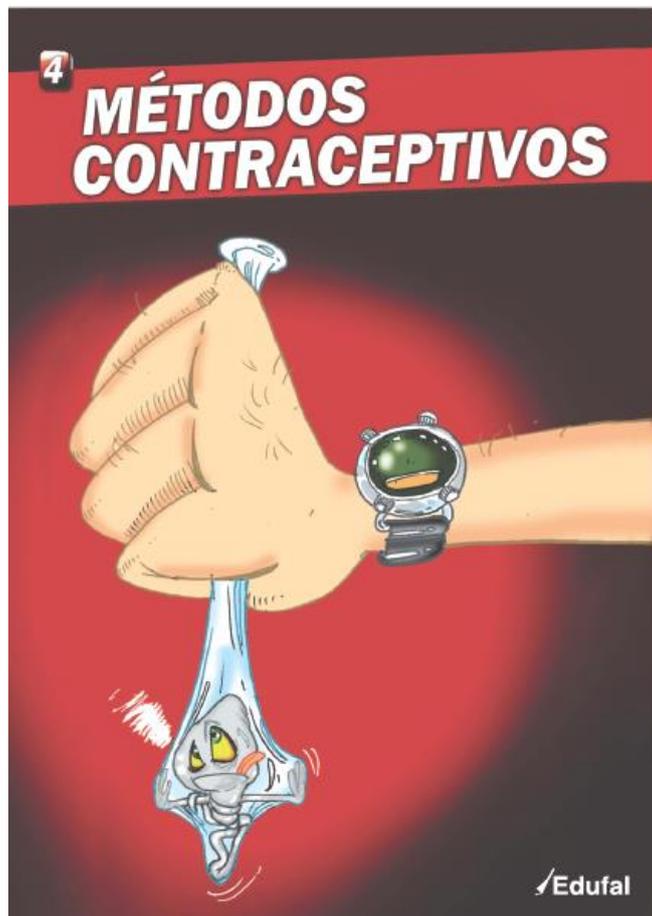
Nº questionário: _____ Idade ____ anos

Ano que leciona: _____ Volume da História: 4

Este questionário contém perguntas sobre a história que você acabou de ler. Leia as perguntas e responda. Você pode usar o tempo que você precisar para responder. Leia as perguntas e responda nas caixas ao lado da pergunta.

1. O que você pensa sobre a história que acabou de ler?	<input type="checkbox"/> muito boa <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> não é boa
2. Você entendeu as conversas (diálogos) da história? Se não, quais quadrinhos você não entendeu: (coloque a página e o número do quadrinho)	<input type="checkbox"/> fácil de entender <input type="checkbox"/> algumas vezes difícil <input type="checkbox"/> não compreensível
3. E sobre os assuntos que estão na história, você teve alguma dificuldade de entender? Por favor, especifique:	<input type="checkbox"/> sem dificuldade <input type="checkbox"/> pouca dificuldade <input type="checkbox"/> uma série de dificuldades
4. O tema da história é importante para o estudante da educação básica?	<input type="checkbox"/> muito importante <input type="checkbox"/> pouco importante <input type="checkbox"/> não é importante em tudo
1. Você gostaria de mudar alguma coisa na história?	
2. Gostaria de acrescentar algo na história?	
3. Houve alguma coisa na história que você acha que o estudante da educação básica não precisa saber? Se sim, por quê?	
4. Você usaria esse material em suas aulas?	

APÊNDICE III- EXEMPLAR DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS



APÊNDICE IV- Instruções alusivas ao preenchimento do questionário

1. Aparte inicial do questionário, caracterizada pelos dados de identificação, o juiz (a) poderá marcar mais de uma opção e, se possível, colocar informações adicionais que especifiquem sua atuação profissional e/ou titularidade;
2. O item 7 da segunda parte do questionário, referente à pertinência ou representatividade, questiona-se a opinião do juiz acerca do “desing pedagógico”. Considere-se desing pedagógico como a integração de fatores técnicos, gráficos e pedagógicos necessários à construção de um objeto de aprendizagem e, desse modo, tem como objetivo colaborar na construção de materiais educacionais que possibilitem ao usuário uma aprendizagem autônoma, crítica, divertida, surpreendente e construtivista;
3. O “espaço livre” do questionário permite ao avaliador ampla liberdade para sugestões e correções. Ao preenchê-lo, sugere-se, se for o caso, que o juiz destaque a página e até mesmo especifique o quadro ao qual está fazendo alusão;
4. Ccaso opte por enviar o questionário por e-mail, favor destacar a opção escolhida de uma cor diferenciada ou enviar o documento digitalizado.

Atenciosamente,

Maceió, ____ fevereiro de 2016.

Thayse Gomes de Almeida
Pós-graduanda/ Mestranda
Prof.^a Dra. Eveline Lucena Vasconcelos - Orientadora
Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade- Co-orientadora
ESENFAR/UFAL

APÊNDICE V- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA - ESENFAR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (MESTRADO)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: **Validação de um material educativo sobre métodos contraceptivos para adolescentes**, para julgar a história em quadrinhos “Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida!” sob a responsabilidade de Thayse Gomes de Almeida, Eveline Lucena Vasconcelos e Ruth França Cizino da Trindade, que será desenvolvido na Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas.

O nosso objetivo é verificar a clareza, pertinência e representatividade da história em quadrinhos da Série Sexualidade e Educação apresentada para o Sr(a) neste momento.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa. Sua participação neste projeto será através da análise da História em Quadrinhos para conhecer o material educativo e depois, através de respostas a um instrumento de validação específico (questionário em anexo). A leitura da história em quadrinhos e a resposta ao questionário poderão ser feitas pelo(a) senhor(a) no local e na data que lhe forem convenientes, dentro de um prazo acordado entre ambos. O tempo para leitura, análise e preenchimento do questionário é de aproximadamente duas horas, mas gostaríamos de esclarecer que não existe, obrigatoriamente, um tempo pré-determinado para leitura e resposta, sendo respeitado o tempo de cada um. Informamos que é importante que todo o questionário seja respondido.

Como benefício dessa pesquisa, destacamos que, se o material puder ser usado por crianças e adolescentes, poderemos contribuir com um material educativo complementar para a educação em sexualidade que aborda o tema fecundação e poder, desta forma, promover a autonomia de aprendizado sobre a sexualidade.

Como risco de sua participação, há a possibilidade de um pequeno desconforto que a leitura e o preenchimento do questionário possam causar e, para minimizá-lo, os mesmos poderão ser realizados no local de sua escolha. Entretanto, solicitamos sigilo quanto ao conteúdo, pois poderá sofrer ajustes de acordo com o resultado da pesquisa. Colocamo-nos à disposição para conversarmos sobre qualquer desconforto que sentir durante sua participação.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em encontros científicos e serão encaminhados para publicação em revistas científicas. Todas as informações sobre o(a) senhor(a), como nome, endereço, telefone, idade e qualquer outra, serão mantidas em completo anonimato.

Poderá haver recusa ou desistência na participação desta pesquisa, retirando seu consentimento em qualquer momento sem qualquer prejuízo nas relações profissionais. Informamos que, mesmo se recusando a responder o questionário, poderá proceder a leitura da história em quadrinhos, desde que se comprometa a manter sigilo sobre o conteúdo da mesma, como já solicitamos.

Destacamos que o(a) senhor(a) tem direito à indenização (conforme as leis vigentes no país), caso ocorra dano decorrente da participação na pesquisa, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

Este documento foi elaborado em duas vias, que deverão ser assinadas por ambas as partes envolvidas na pesquisa, e uma delas ficará com o(a) senhor(a).

Se o(a) senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, deverá entrar em contato com Ruth França Cizino da Trindade (coordenadora da pesquisa) ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas: Prédio da Reitoria, sala do C.O.C., Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Telefone: 3214-1053. O Comitê de Ética analisou esse projeto e aprovou sua realização. O Comitê de Ética foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Após a leitura deste documento, compreendo as informações sobre a minha participação neste estudo e, estando ciente dos meus direitos, responsabilidades, dos riscos e benefícios que a participação implica, concordo em participar.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora (pós-graduanda)

Eveline Lucena Vasconcelos

Ruth França Cizino da Trindade

Local: _____, _____ de _____ / 2016

ANEXOS

ANEXO I – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Validação de material educativo como ferramenta pedagógica para a promoção da saúde sexual e reprodutiva

Pesquisador: RUTH FRANÇA CIZINO DA TRINDADE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32997414.2.0000.5013

Instituição Proponente: Universidade Federal de Alagoas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 770.585

Data da Relatoria: 01/08/2014

Apresentação do Projeto:

"Este trabalho tem como objeto de estudo a validação de uma ferramenta pedagógica voltada ao adolescente frente à puberdade e à possibilidade de procriação. Trata-se de um estudo metodológico que se debruçará sobre o conteúdo de duas histórias em quadrinhos, com base na avaliação de dez juízes para cada história, distribuídos entre professores da educação básica, pesquisadores e profissionais da rede básica de saúde. Será utilizado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) para poder caracterizar as histórias em quadrinho como uma estratégia educacional válida. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo validar a clareza, pertinência e representatividade de material educativo, no formato de duas histórias em quadrinhos, intituladas "Puberdade: o que acontece comigo?" e "Fecundação: posso gerar um filho?" como ferramentas pedagógicas para educação básica. Assim este trabalho reveste-se de grande importância, visto que representa uma oportunidade de instrumentalizar professores e pais na forma de lidar com esta fase de vida, promovendo autonomia dos adolescentes e constituindo-se em uma ferramenta para saúde pública, de abordagem pluralista, que valoriza o caráter universal da puberdade e o singular da adolescência, podendo ser usada nas escolas e extramuros, trazendo um avanço efetivo no campo da educação em saúde."

Endereço: Campus A - C. Símones Cidade Universitária

Bairro: Tabuleiro dos Martins **CEP:** 57.072-000

UF: AL **Município:** MACEIO

Telefone: (82)3214-1041 **Fax:** (82)3214-1700 **E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 770.585

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

• Validar as histórias em quadrinhos da série sexualidade e educação sobre puberdade e fecundação como ferramenta pedagógica para educação básica.

Objetivo Secundário:

• Validar a aparência e conteúdo englobando a clareza, pertinência e representatividade da história em quadrinhos denominada "Puerdade: Algo acontece comigo" da Série Sexualidade e Educação, com profissionais da área da saúde e educação, incluindo professores da educação básica; -Validar a aparência e conteúdo englobando clareza, pertinência e representatividade da história em quadrinhos denominada "Fecundação:

Meu corpo pode gerar uma vida" da Série Sexualidade e Educação, com profissionais da área da saúde e educação, incluindo professores da educação básica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

Os riscos da pesquisa são bastante diminutos, podendo ser elencados: -Algum constrangimento ou desconforto de natureza psíquica e/ou moral no momento de explicitar as suas respostas; -Quebra da confidencialidade, vinculando os resultados da pesquisa aos entrevistados, permitindo assim sua identificação. Todos os procedimentos que serão realizados na pesquisa serão detalhadamente explicados aos sujeitos. Durante todo momento, os participantes da pesquisa serão incentivados a participarem ativamente da pesquisa, questionando e esclarecendo dúvidas relacionadas ao instrumento de coleta de dados e quaisquer outros procedimentos ao quais sejam submetidos. A confidencialidade dos participantes da pesquisa será cuidadosamente controlada. Em nenhum momento ou por quaisquer meios, existirá a possibilidade de divulgação pública dos resultados que permita identificar os entrevistados na pesquisa.

Benefícios:

Os benefícios da pesquisa são bastante significativos: - Oferta de uma ferramenta complementar de ensino para garantir a formação de adolescentes sobre sexualidade por meio de conteúdos inovadores; -Fortalecimento das metodologias ativas de ensino, ajudando no desenvolvimento das atividades educativas no ambiente escolar e nas unidades de saúde; -A ferramenta pedagógica proposta promove a autonomia de aprendizado dos adolescentes em relação à sexualidade."

É considerada adequada a relação entre riscos e benefícios.

Endereço: Campus A. C. Simões Cidade Universitária
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 770.585

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para o campo da educação em saúde.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados satisfatoriamente.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo atende as recomendações éticas da Resolução 466/12.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MACEIO, 28 de Agosto de 2014

Assinado por:
Daise Juliana Francisco
(Coordenador)

Endereço: Campus A. C. Simões Cidade Universitária
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com